Indice

SERMÃO
DA
PURISSIMA CONCEIÇÃO
DA
VIRGEM MARIA
SENHORA NOSSA,

Que na festa, que, como a sua Protectora, lhe faz a

ACADEMIA REAL

Na Capella do Paço do Duque aos 15. de Dezembro de 1753.

PRE'GOU, ESTANDO PRESENTES

S. MAGESTADE,
E
ALTEZAS,

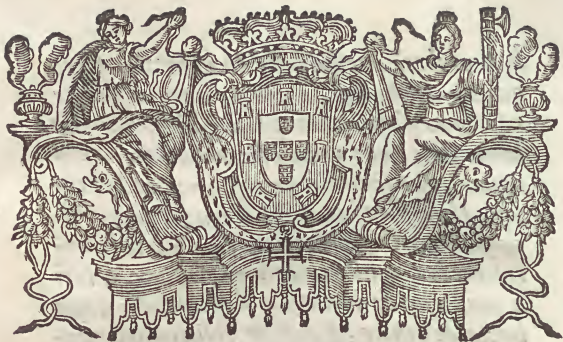
O PADRE

FR. JOSE' MALAQUIAS,

Lente de Vespera no seu Convento de S. Domingos, Consultor do Santo Officio, Examinador das Trez Ordens Militares, e Academico do Numero da Real Academia da Historia Portugueza.

LISBOA,

Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,
Impressor do Santo Officio. Anno 1754.

Com todas as licenças necessarias.

AO REI FIDELISSIMO
D. JOSE' I.
SENHOR.

QUANDO a Academia me elegeo para Orador da festa da Conceição immaculada de Maria sua singularissima Protectora,

 logo

logo conheci a arduidade da empreza, para que me destinava, e que as minhas forças não erão sufficientes para desempenho de huma obra, que pelas circumstancias era a maior, que se podia excogitar; porèm como, supposta a sua eleição, era em mim obrigação precisa sujeitar-me, e obedecer, antes de dar principio ao meu destino, entrei a ponderar as immensas difficuldades, que havia de vencer, para dar feliz complemento a esta obra. Ponderava, que havia de orar na presença de V. Magestade, a quem todo o mundo reconhece Rei sabio, pio, devoto, e religioso, a quem Deos fez Monarca de hum Reino puro na fé, cheio de piedade, que reconhece por Protectora, e Padroeira a Maria Santissima na sua immaculada Conceição, e a quem finalmente os Summos Pontifices justamente condecorão com o preexcelso titulo de Fidelissimo. A sabedoria de V. Magestade me enchia de terror, e confusão para entrar desanimado na empreza. A religião, de que V. Magestade tem dado tantos, e tão evidentes testemunhos, me offerecia os mais solidos documentos, para que o Panegyrico, que eu

for-

formaſſe ſobre o Myſterio, foſſe em tudo conforme aos dogmas da noſſa Fé, e aos decretos da Igreja. Ultimamente a piedade, que he attributo inſeparavel dos Monarcas Portuguezes, me inſinuava a obrigação, que tinha por Portuguez, por Academico, por Prégador, e por fideliſſimo vaſſallo de V. Mageſtade de defender com o meu diſcurſo, eſtabelecer com as minhas razões a pureza original deſta Soberana Senhora, que he o ſingular objecto dos cultos da Igreja Catholica Romana, e o havia de ſer com eſpecialidade dos da Academia naquelle dia. Eſtas conſiderações forão, Senhor, a baze, e o fundamento das preparações, que fiz para indagar a verdade deſte Myſterio, que pertendia moſtrar certa, clara, e evidente no Panegyrico, que formaſſe, para ſatisfazer, e deſempenhar a empreza, que ſe me tinha encarregado, e que eu deſejava mais que tudo felizmente concluir.

Como a ſagrada Eſcritura he o depoſito ſoberano das verdades occultas, e dos Myſterios incomprehenſiveis à noſſa natural intelligencia, antes de formar idéa, e antes que principiaſſe a diſcorrer, a primeira dili-

gen-

gencia, que fiz, foi consultar este Oraculo Divino; porèm confesso ingenuamente, que nella não pude descubrir testemunho claro, com que pudesse provar a Conceição immaculada desta Soberana Senhora; nem era possivel que o descubrisse, dizendo-me o doutissimo Soares Granatense, versadissimo nas Escrituras, que era temeridade buscar nellas testemunho claro desta verdade. (1) *O mesmo me succedeo com a tradição da Igreja, aquella, que os Theologos chamão Apostolico-Divina, que foi o segundo Oraculo tambem Divino, que immediatamente consultei; porque constando-nos esta tradição pelos ditos dos Santos Padres, que florecêrão nos primeiros seculos da Igreja, vi nelles hum universal silencio, especialmente nos que existírão nos primeiros quatro seculos; e nos que succedêrão a estes, achei algumas expressões contrarias à verdade,*

que

---

(1) Soares Granat. tom. 2. Commentar. in 3. p. D. Thom. de Myster. vitæ Christi disp. 3. sect. 59. sic ait: *Primò ergo ex Scriptura petendum non est clarum testimonium, ubi hoc asseratur: esset enim temerarium hoc postulare, cùm alia privilegia Virginis, quæ tanquam certa tenet Ecclesia, non requirant hujusmodi Scripturæ testimonium.*

que buſcava. (2) *Porèm não deſmayei por conta diſto; porque li no doutiſſimo Pedro Caniſio, hum dos mais famoſos propugnadores da Conceição immaculada de Maria, que os Santos Padres dos primeiros ſeculos, por altiſſimos fins da Providencia, incomprehenſiveis aos noſſos entendimentos, ignorárão muitas verdades, que depois ſe fizerão claras, e evidentes na Igreja, ſendo huma dellas a Conceição.* (3) *Conſultei finalmente a Igreja, e achei nella tantas luzes, e tão grandes reſplendores, que ficou inteiramente illuſtrado o meu entendimento.*

Jà

---

(2) *Sancti Patres à V. ſæculo tenentes opinionem contrariam piæ ſententiæ*, Ambroſius ſuper Pſalm. 118. conc. 6. Auguſtinus ſup. Pſalm. 34. in illum verſiculum: *Ego autem, cùm mihi moleſti eſſent, &c.* & lib. 2. de Baptiſmo parvul. cap. 24. & 10. ſup. Gen. ad lit. cap. 16. & lib. 53. contra Julianum cap. 9. Chryſoſtomus ſup. Matth. Euſeb. Emiſſenus in 2. conc. Nativitatis Domini. Remigius ſup. Pſalm. 21. Maximus in Serm. de Aſſumpt. Beatæ Virginis, Beda in Homil. ſup. *Miſſus eſt*, Anſelmus in libr. *Cur Deus homo?* cap. 16. Bernardus in Epiſt. ad Lugdunenſes 174. Erardus Epiſcopus, & Martyr in concione quadam de Nativitate B. Virg. (3) Petrus Caniſius lib. 1. de Beat. Virg. cap. 7. in diſputatione contra eos, qui impugnant Conceptionem immaculatam MARIÆ, in verbis ibi: *Demum habuerunt Patres ſuorum temporum rationem, quibus multa vel prorſus incognita erant, vel obſcura, neque ſatis evoluta, &c.*

Jà no seculo duodecimo davão os Catholicos não só assenso, mas culto ao Mysterio da Concei̧ção immaculada; e passando este culto de varias Igrejas particulares, assim do Oriente, como Occidente, à Igreja Lugdunense, se acha aquella celebre carta de S. Bernardo, que he a centesima septuagesima quarta, em que acremente a reprehende por festejar este Mysterio, sem primeiro consultar a Santa Sé; e pelo contexto da mesma carta se vê evidentemente, que o seu Author era de opinião, que Maria Santissima fora santificada no ventre de sua Mãi à maneira de Jeremias, e do Baptista, e não concebida em graça, nem preservada da culpa original, como hoje segue universalmente a Igreja. Não ser supposta esta carta, como alguns dizem, confessa ingenuamente o doutissimo Theofilo Rainaudo, (4) e que S. Bernardo não falla da geração activa, como querem outros, mas da passiva prova-o o famoso Mabillon nas notas à mesma carta. (5) Sem embargo desta carta, e da grande authorida-

(4) Theoph. Rayn. in Diptychis Marianis tom. 7. suorum operum pag. 48. (5) Mabillon in notis ad eamdem Epist.

dade do ſeu Author, nem por iſſo deixou a Igreja Lugdunenſe de continuar no culto, que dava à Conceição immaculada de Maria, e nelle ſe foi conſervando; o que tambem fizerão as mais Igrejas particulares atè o ſeculo decimo quarto, em que ſe principiárão as controverſias ſobre a verdade deſte Myſterio, à qual ſe moſtrárão dentro deſtes dous ſeculos pouco inclinados alguns Santos Padres, e Doutores, como Santo Antonio de Lisboa, S. Boaventura, e S. Thomaz. (6)

No principio do ſeculo decimo quarto morreo aquelle famoſo homem, ſobre cuja patria contendem não menos que trez Reinos, Hibernia, Eſcocia, e Inglaterra, com ambição mais glorioſa, que a das Cidades da Grecia ſobre a patria de Homero, o Veneravel João Duns Eſcoto, illuſ-

(6) S. Antonius Paduanus in concione de Nativitate ejuſdem S. Virginis, D. Bonaventura 3. ſent. diſt. 3. quæſt. 1. art. 2. D. Thomas 3. p. quæſt. 27. art. 2. tenent contrariam ſententiam. Et poſteà S. Bernardinus opere 3. ſuorum ſermonum in tract. de B. Virg. conc. 4. & D. Vincent. Ferr. in Serm. Conceptionis B. Virg. D. Antoninus 1. part. tit. 8. Damaſ. lib. 3. ſententiarum ſuarum, & Hugo de S. Vict. de Sacram. part. 2. cap. 4.

lustrissimo ornamento da Religião Serafica, pouco disse, de toda a Igreja universal, Apostolica, e Romana, e ainda me posso extender mais, de Maria Santissima Senhora nossa, cuja original pureza illustrou com os raios da sua doutrina, sendo entre os sabios da Igreja o primeiro, que se resolveo a examinar a verdade deste Mysterio, e com tal clareza a propoz, que por isso justamente mereceo o glorioso titulo de Doutor Mariano, e Subtil, com que todo o Orbe litterario o reconhece. Nos dias, que viveo este venturoso antesignano de piedosa sentença, ainda não tinhão principiado na Igreja as controversias, e contendas sobre esta verdade, talvez que por attenção, e respeito à sua doutrina, e vastissima litteratura. He verdade que alguns Escritores (7) fazem menção de huma grande controversia, que houvera entre os Religiosos Menores, e Prégadores na Universidade de Pariz, na qual Escoto triunfou gloriosamente dos seus oppositores, fazen-

(7) Wadingus in Annalibus, Cavellus in Rosario sæculo 14. Bosius de signis Ecclesiæ, Sannazarius cap. 42. sæculo 14. Bernardinus de Bustis, & Frassen in Scoto Academ.

zendo-os emudecer ; porèm esta noticia he huma das grandes fabulas, que está introduzida na Historia, e que doutissimamente refuta Natal Alexandre na sua Historia Ecclesiastica. (8) *Nem eu acho outra utilidade em se transcrever esta noticia daquelles Historiadores, (que talvéz a escrevessem em boa fé) mais que para fomento de discordias, e dissensões entre Familias Religiosas, as quaes justamente reprova o Apostolo S. Paulo escrevendo aos Corinthios.* (9)

Deixada esta controversia como falsa, a primeira, que descubri verdadeira, foi a de João de Montesono com os Doutores, e Cathedraticos de Pariz, que foi pelos annos de 1387, *setenta e nove annos depois da morte de Escoto. A esta controversia deo occasião este liberrimo Theologo com humas conclusões, em que, alèm de muitas proposições asperas, e duras na*

** ii *Theo-*

(8) Natalis Alexander sæculo XIII. & XIV. suæ Historiæ Ecclesiasticæ cap. 5. de Scriptor. illustrib. sæculi XIV. ubi agit de Scoto. (9) S. Paul. Epist. ad Corinth. 2. cap. 12. v.20. *Nè fortè contentiones, æmulationes, animositates, dissensiones, detractiones, susurrationes, inflationes, seditiones sint inter vos.*

Theologia, ſe continhão temerarias, e horriveis cenſuras contra a ſentença pia, que affirma ſer Maria Santiſſima immaculada na ſua glorioſa Conceição. Juſtiſſimamente forão condenadas eſtas propoſições pela ſagrada Faculdade Pariſienſe, não por ſeguir eſte Theologo a opinião contraria, que a meſma Univerſidade affirma ſer provavel, mas por ſe atrever a cenſurar a ſentença pia. (10) *A eſta condenação ſe inclinou a Igreja de Pariz, e ainda Clemente VII, que aſſiſtia em Avinhão, e a quem reconhecia verdadeiro Pontifice Napoles, e a França. Deſta controverſia naſcêrão muitas, que durárão atè o ſeculo ſeguinte, em que ſe celebrou o Concilio Baſilenſe. Neſte Concilio, que ſe principiou no anno de* 1431, *achei que os Padres delle encommendárão ao noſſo Fr. João de Turrecremata, (Meſtre então do ſacro Palacio; e depois Cardeal da Santa Igreja Romana, em premio dos ſerviços, que fez à meſma Igreja, pelos quaes lhe chamou tambem Pio II. glorioſo defenſor da Fé) que eſcreveſſe ſobre*

eſte

(10) Vide Natalem Alexandrum diſſertatione XII. in Hiſt. Eccl. XIII. & XIV. ſæculi.

este ponto, para que no mesmo Concilio se examinasse, e decidisse esta grande controversia; o que Turrecremata fez naquella nunca bastantemente louvada obra, que tem por titulo: Tractatus de veritate Conceptionis Sanctissimæ Virginis pro facienda relatione coram Patribus Concilii Basiléæ anno 1427, mense Julio de mandato Sedis Apostolicæ Legatorum eidem sacro Concilio præsidentium, compilatus per Fratrem Joannem de Turrecremata, *o qual se deo ao prélo annos depois por Bartholomeo Spina, algum tanto mutilado, se cremos a Theofilo Rainaudo.* (11) *Porèm sem embargo desta relação, que fez Turrecremata ao Concilio, tanto a favor do Mysterio, não se pode nelle concluir o que se desejava por muitas causas, sendo a principal o passar este Concilio de legitimo a scismatico; como tambem se não concluio cousa alguma no Concilio Florentino, que se principiou no anno de* 1438, *ou* 39, *em cujas Actas se não faz memoria desta controversia da Conceição. Nes-*

(11) Theoph. Rain. in Hagiologio Lugdunensi VI. Pietas Lugdunensis erga B. Virg. XXVII. Ordo Prædicatorum pro Concept. pura, ubi refert Rupertum Holcot.

Neste mesmo seculo decimo quinto pelos annos de 1494 achei outra controversia, a que deo occasião certo Religioso por nome Wigando, clamando por muitas partes da Europa contra a Chronica de João Tritemio, na qual se lê hum commentario de louvores de Santa Anna, e huma egregia dissertação a favor da Conceição immaculada de Maria, e não só clamando, mas censurando de herege o seu Author, e denunciando-o como tal em muitos Tribunaes da Santa Sé; porèm tambem achei, que sahírão frustrados os seus clamores, e as suas denuncias, porque as Universidades de Pariz, e de Colonia, as sagradas Familias Carmelitana, e Serafica, a maior parte dos Cardeaes, innumeraveis Arcebispos, e Bispos, muitos Principes, e todo o Clero de Alemanha tomárão por sua conta a defensa das proposições de Tritemio a favor da Conceição, como se póde ver em Espondano. (12) *Poucos annos depois no anno de 1497 se atreveo João Vero, Theologo Parisiense, a proferir no Pulpito, que Ma-*

(12) Spondano ad ann. Christ. 1494. n. 14. & in continuat. Hist. Eccles. Fleury tom. 24. pag. 229.

Maria Santissima não fora preservada da macula do peccado original, mas sómente santificada, e purificada, de que nasceo hum universal escandalo na Universidade de Pariz, que obrigou ao Orador a retractar em público a sua proposição; e neste mesmo anno sahio esta Universidade com aquelle celebre Decreto, de que ninguem pudesse ser promovido aos gráos, sem se obrigar primeiro com juramento de defender a Conceição immaculada de Maria, como se póde ver na Historia da Universidade de Pariz. (13) *Já neste tempo tinha sahido o Summo Pontifice Xysto IV com as suas trez Constituições a favor deste Mysterio; a primeira no anno de* 1476, *em que concede indulgencias aos fieis, que na festa da Conceição recitarem a Missa, e o Officio por elle approvado, ou assistirem aos Officios Divinos daquelle dia. A segunda no anno de* 1482, *e a terceira no seguinte; e nesta condena todos aquelles, que se atreverem a affirmar, que pecca mortal-*

(13) In Hist. Univers. Paris. tom. 5. pag. 815. apud Baillet. Hist. Fest. Sanctissimæ Concept. Spond. ad ann. 1497. n. 8. Fleury tom. 24. pag. 336. Frassen tom. 8. pag. 227.

talmente quem celebra esta festa, ou que he herege quem defende a Conceição immaculada de Maria. He conjectura do Summo Pontifice reinante, (14) *que o motivo de sahir Xysto IV com estas Bullas fora a pública disputa, que teve na presença do Duque de Ferrara Fr. Vicente Bandello de Castro-Novo, o qual defendeo a opinião contraria à Conceição immaculada de Maria, e depois deo ao prélo hum tratado com o titulo* De singulari puritate, & prærogativa Conceptionis Salvatoris nostri Jesu Christi ex auctoritatibus ducentorum sexaginta Doctorum clarissimorum, *no qual pertende mostrar, que a Mãi de Deos, como os mais descendentes de Adão, contrahíra o peccado original, e que era peccado crer, e asseverar ao povo nos Sermões como certa a Conceição immaculada, ou assistir aos Sermões, em que isto se dissesse: proposições na verdade dignas de censura, e cheias de temeridade!*

No

(14) Lambertinus in Commentar. de fest. B. Virg. part. 2. §. CXCII. qui non refert nisi tantùm duas Constitutiones Xysti IV. tres autem recensentur apud Illustrissimum Bernardes.

No ſeculo decimo ſexto ſe deo principio ao Concilio Lateranenſe V pelos annos de 1512, em que ſe havia de reſolver a controverſia da Conceição immaculada de Maria; e ainda que o Papa Leão X ordenou ao Cardeal Caetano, que eſcreveſſe neſta materia o ſeu proprio parecer, o que Caetano fez, como conſta do ſeu opuſculo, (15) *com tudo nada ſe concluio ſobre eſte ponto. Nem eu achei a Caetano neſte opuſculo tão contrario ao Myſterio da Conceição, como muitos ignorantemente imaginão, com eſpecialidade na queſtão de facto. O certo he que Theofilo Rainaudo não duvida pollo no catalogo dos Varões illuſtres Dominicanos, que defendem a verdade do Myſterio,* (16) *o qual, ſendo diminuto, he baſtantemente dilatado; porèm iſto naſce de entenderem muitos, e eſtarem preoccupados, de que todos, quantos ſe oppõem à definição, ſe oppõem tambem à verdade deſte Myſterio. Finalmente cheguei*

---

(15) Caietan. opuſc. 1. tom. 2. (16) Theophil. Rainaud. Pietas Lugd. erg. B. Virg. immaculatè conceptam, 27. Ordo Prædicatorum pro Conceptione pura, ubi agit de Ambroſio Catharino.

ao ſagrado Concilio Tridentino neſte meſmo ſeculo pelos annos de 1545, *e ainda que nelle ſe propoz pelo Cardeal de Giaen eſta controverſia para a ſua decisão, com tudo recebêrão os Padres do Concilio eſta propoſta mui tibiamente, julgando que não havia lugar, nem tempo para ſe embaraçarem em huma queſtão, que não pertencia aos dogmas da noſſa Fé, havendo tantas deſta qualidade, para que era neceſſario todo o tempo. Aſſim o diz o Cardeal Pallavicini na ſua Hiſtoria do Concilio Tridentino, cuja authoridade, ainda que grande, eu a conſidero maior, vendo que o Summo Pontifice reinante a tranſcreve nas ſuas obras.* (17) *Porèm ſem embargo deſte juizo, que fizerão os Padres do Concilio, de que não pertencia eſta controverſia aos dogmas da noſſa Fé, tratando depois do pec-*

(17) Cardinalis Pallavicinus Hiſt. Conc. Trident. lib. 7. cap. 3. n. 8. ait: *Cardinalem de Giaen, cùm de peccato originali ageretur, propoſuiſſe, ut hæc tandem de Beatæ Mariæ Conceptione decideretur controverſia: frigidè id acceptum à Patribus, qui neque locum eſſe, neque otium ſuppetere exiſtimarunt labori, & tempori conſumendo in iis, quæ ad Fidem Catholicam non pertinerent.* Sic Lambertinus loco ſupr. citato §. 195. authorizans hæc verba notatu digna.

peccado original, e definindo, que comprehendia a todos, declarárão, a instancias do Cardeal Pacheco, que não era da sua intenção comprehender neste Decreto a Bemaventurada Virgem Maria, e que se devião observar as Constituições de Xysto IV. (18) *Neste Concilio, entre os innumeraveis Theologos da minha sagrada Religião, que me parece são mais em numero, que os de todas as mais sagradas Familias, descubro dous certamente famosissimos, o grande Melchior Cano, e Ambrosio Catharino. Deste confessa Theofilo Rainaudo,* (19) *que ninguem escrevêra melhor a favor da Conceição. Do primeiro digo eu tambem, que se não mostrará clausula alguma nos seus escritos, em que levemente se impugne a verdade deste Mysterio; só diz que esta questão não pertence aos dogmas da nossa*

 Fé,

---

(18) Concil. Trident. agens de peccato originali sic ait: *Declarat tamen hæc ipsa S. Synodus non esse suæ intentionis comprehendere in hoc Decreto, ubi de peccato originali agitur, Beatam, & immaculatam Virginem Mariam Dei Genitricem, sed observandas esse Constitutiones felicis recordationis Xysti Papæ IV sub pœnis in eis Constitutionibus contentis, quas innovat.* (19) Theophilus Rainaudus Pietas Lugd. Theolog. Dominican. pro Concept. immaculata Mariæ, cùm agit de Catharino.

Fé, e que se não póde definir; porèm isto he impugnar a definibilidade, e não a verdade do Mysterio, o que a todos he patente. (20) *Não sei se a sua doutrina he verdadeira, mas o certo he, que este foi tambem o juizo, que fizerão os Padres do Concilio Tridentino, (se damos credito ao Cardeal Pallavicini) aos quaes não podemos, nem devemos censurar, em veneração da sua suprema authoridade. Ainda depois do Concilio Tridentino achei na França controversias, especialmente aquella do doutissimo Maldonado com a Universidade de Pariz, por impugnar este sabio o juramento da mesma Universidade de defender a Conceição: idéa, que teve nos nossos dias Luiz Antonio Muratori, impugnando tambem o voto sanguinario, que se faz em algumas Religiões. Esta controversia se póde ver no Prefacio das obras do mesmo Maldonado da edição de Pariz no anno de* 1677.

Neste mesmo seculo decimo sexto pelos annos de 1570 *sahio o Summo Pontifice São Pio V com outra Constituição, em que confir-*

(20) Melch. Can. lib. 7. de Locis Theol. cap. 3. concl. 4. per totum. Palavic. loc. ubi supr.

firma as Bullas de Xyſto IV, e o Decreto do Concilio Tridentino, e impõe graves penas aos que diſcorrerem publicamente contra a verdade do Myſterio de ſorte, que ſirvão de eſcandalo aos fieis. Eſta Bulla Piana, como tambem o Decreto Tridentino, e as Bullas Xyſtinas confirmou Paulo V no ſeculo decimo ſetimo com outra Bulla paſſada no anno de 1616, em que impõe maiores penas aos transgreſſores das Leis Pontificias neſte ponto; e no ſeguinte anno de 1617 ſahio com hum novo Decreto, que prohibe defender a opinião menos pia em Sermões, concluſões, e lições públicas; porèm accreſcenta nelle eſtas palavras: Per hujuſmodi proviſionem Sanctitas ſua non intendit reprobare alteram opinionem, nec ei ullum prorsùs præjudicium inferre, eam relinquens in iiſdem ſtatu, & terminis, in quibus de præſenti reperitur, præterquàm quoad diſpoſita. *Finalmente Gregorio XV pelos annos de 1622 paſſou huma Conſtituição ſobre eſta materia da Conceição, da qual deſejára eu ver tão exacta obſervancia em alguns, como aquella, que pratiquei em reverencia da Bulla de Alexandre VII,*

que

que ſabio depois no anno de 1661 *ſobre eſta materia.* (21) *Neſte meſmo ſeculo achei a minha ſagrada Religião ſupplicando ao Summo Pontifice Gregorio XV pela definição da Conceição, como ſe póde ver na ſua ſúpplica, que principia:* Beatiſſime Pater: Proclamat Dominicanus Ordo ad veſtram Sanctitatem, & eam implorat: primò pro Deipara Virgine Sanctiſſima, ut negotium hoc definiat, &c. *a qual tranſcreve Serry na Hiſtoria* De auxiliis. (22) *Tambem ſe póde ver em Theofilo Rainaudo, que o noſſo Geral da Ordem Pedro João de C,aragoça rogára a Paulo V ſobre eſta definição, e outros muitos Dominicanos famoſos, que elle refere, como tambem hum Decreto de toda a minha ſagrada Religião junta em Capitulo Geral, que principia aſſim:* Ordo Prædicatorum ſuſtinuit hucuſque opinionem, quòd Beata Virgo fuit concepta in originali; ſed jam de hoc non eſt curandum, cùm ſit

(21) Omnes hæ Conſtitutiones citantur à Lambert. in ſuis comm. de Feſt. B. Virg. & videri poſſunt in Bull. Rom. & etiàm in principio operis Illuſtriſſimi Bernardes. (22) Hiſtoria de auxiliis Jacobi Hyacinthi Serry editionis Venet. anno 1740. fol. 639. & 640.

ſit materia nullius utilitatis, & valdè ſcandaloſa, &c. (23) *Finalmente vejo actualmente o culto, que dá a minha ſagrada Ordem a eſte Myſterio, celebrando-o com o rito de* Totum duplex *com Oitavario, e recitando o ſeu Officio no proprio dia; ainda que ſucceda cahir na ſegunda Dominga do Advento, e iſto obſerva não ſó no Reino de Portugal, em que a reconhece Padroeira, mas em toda a Ordem, o que duvido fação as mais Familias Religioſas, e o Clero de todo o mundo.*

Eſtas, Senhor, forão as luzes, que recebeo o meu entendimento conſultando os trez Oraculos referidos, com as quaes conheci muitas, varias, e importantiſſimas verdades. Primeira, que Deos por altiſſimos fins da ſua Providencia não foi ſervido revelar-nos nas ſagradas Eſcrituras, entendidas em ſentido litteral, a verdade deſte Myſterio, aſſim como fez com outras muitas verdades, às quaes damos aſſenſo movidos de outros principios certos, e ir-

re-

(23) Videatur Theophil. Rain. in loco immediatè citato, cùm agit de Ordine Prædicatorum pro immaculata Conceptione in fine.

refragaveis, como v. gr. ao Mysterio da Assumpção da Senhora. Segunda, que nos Santos Padres dos primeiros quatro seculos ainda que se não acha testemunho, que evidentemente favoreça esta verdade, com tudo não se descubrirá algum, que directamente a impugne; e os Padres, que cita Santo Agostinho no liv. 1. *contra Juliano, fallão tão succintamente na universal, e indefinida contracção do peccado original, que bem se póde dizer com verdade, que guardárão silencio nesta materia a respeito de Maria Santissima Senhora nossa.* (24) *Terceira, que desde o quinto seculo, por occasião da heresia de Pelagio, e Juliano, entrárão a fallar os Santos Padres com mais clareza sobre o peccado original; e ainda que delle exceptuem só ao nosso Redemptor, com tudo bem se podem interpretar a favor da Conceição immaculada de Maria, incluindo-a no debito, e salvando-a por privilegio, o que se póde ver em Natal Ale-*

(24) August. lib. 1. contra Julianum cap. 2. affirmat Irenæum, Cyprianum, Rethicium, Olympium, Hilarium, Ambrosium, Gregorium, Innocentium, Joannem, Basilium, & Hieronymum esse pro sententia de omnium hominum peccato originali obnoxia successione, excepto solo Christo.

Alexandre na ſua Hiſtoria Eccleſiaſtica; (25) *e ſe alguns Santos Padres ſe não puderem interpretar, por ſerem os ſeus teſtemunhos muito claros contra a verdade do Myſterio, nem por iſſo os devemos cenſurar, porque exiſtírão em tempos, em que não havia tantas luzes da Igreja como as que hoje temos. Deſte modo os deſculpa o Cardeal Bellarmino,* (26) *e o meſmo faz tambem o Veneravel Pedro Caniſio,* (27) *o qual fallando de S. Bernardo diſcorre de ſorte, que são as ſuas palavras dignas de ſe tranſcreverem em laminas de ouro para a ſua duração:* Quid verò illum facturum fuiſſe putemus, ſi hoc noſtro ſæculo vixiſſet, quo tot Eccleſiæ unà cum Romana conjunctæ non ſolùm in unam, eamdemque ſententiam, ſed etiam in dicti feſti celebrationem toto conſenſu conſpirant? *Quarta, que primeiro entròu na Igreja o culto da Conceição immaculada de*

**** *Ma-*

---

(25) Sancti PP. jam citati nota 2. poſſunt benignè interpretari, paucis exceptis. Videatur Natalis Alexander ſæcul. 2. Hiſtor. Eccleſiaſt. Diſſert. 16. §. 21. in reſponſ. ad argum. Riveti. (26) Bellarm. tom. 2. controv. lib. 3. de Cultu Sanct. cap. 16. (27) Petrus Caniſius de Maria Deipara lib. 1. cap. 7. pag. 72.

Maria, do que entrassem as controversias sobre a verdade deste Mysterio; porèm estas controversias conduzírão muito para se radicar mais na Igreja este culto, e devoção a Maria Santissima Senhora nossa, e à sua immaculada Conceição; e será temeridade censurar tambem os Escritores, que escrevêrão contra a sentença pia, especialmente se não houve nelles desobediencia, e contumacia, porque tinhão por si a razão, ou a desculpa de existirem em tempos, em que não havião tantas luzes da Igreja. Quinta, que estas controversias não forão precisamente entre as sagradas Familias Franciscana, e Dominicana, como imagina a plebe rude, nem tambem entre as escolas Escotistica, e Thomistica, como imaginão alguns doutos, mas entre Theologos de todo o genero, estado, e condições. He verdade que depois do Doutor Subtil não descubri Escritor da Familia Franciscana, exceptuando Alvaro Pelagio, que deixasse de seguir a sentença pia; porèm isto podia succeder a outra qualquer Familia, se seguisse a doutrina deste sapientissimo Oraculo das sciencias. Nos Dominicanos achão-se Es-

cri-

critores gravissimos por huma, e outra parte, e alguns ha, que escrevêrão pela sentença pia com tanta erudição, que são avaliados pelos melhores, como Ambrosio Catharino, e o Mestre Lisboniense; porèm nesta differença de pareceres não são especiaes os Dominicanos, porque isto mesmo succede em outras Familias sagradas, o que não ignorão os eruditos. Sexta, e principal verdade, que conheci com as luzes da Igreja, que a Conceição immaculada de Maria teve na mesma Igreja muitos estados; nos primeiros quatorze seculos atè o tempo de Escoto foi sentença suspeitosa; do tempo de Escoto atè que existio Xysto IV foi opinião provavel; de Xysto IV atè que floreceo Alexandre VII foi opinião probabilissima; deste tempo atè os dias, em que existimos, passou a estado muito mais nobre, e perfeito, que he ser verdade evidente, e scientifica, porque repugna metafysicamente que todas as Universidades do mundo, todo o Orbe litterario, e Catholico se possa enganar, affirmando-a como verdade sem o ser. Este juizo deste modo proferido não o achei em Escritor algum, e talvez que

por

por ser proprio me pareça bem; porèm não he tão mal fundado, que o não favoreça o Veneravel Pedro Canisio. (28)

Sobre estas noticias, que tirei da Igreja, e da sua Historia Ecclesiastica, entrei a formar o Panegyrico da Conceição immaculada de Maria, que havia de recitar na presença de V. Magestade no dia da sua festa. Confesso, Senhor, que entre as muitas idéas, que me occorrêrão para a sua fabrica, nenhuma me agradou mais, que a de fazer este Mysterio, Mysterio propriamente dos sabios; e não ha duvida que, attendidas as circumstancias de ser V. Magestade quem me havia de ouvir, de haverem de assistir a esta festa os Serenissimos Infantes, e tambem todo o corpo Academico composto dos mais authorizados sabios deste Reino, nenhuma idéa me podia occorrer, que tivesse igual, ou semelhante formosura. Não posso dizer, se foi máo, ou bom o seu desempenho, porque não devo ser Juiz em causa propria; o que só posso fazer

(28) Idem in nota marginali: *Disputatio de Mariæ Conceptione primùm suspecta, & valdè exagitata, sensim recepta, & probata fuit.*

zer, e devo, em observancia do direito natural, e em defeza da minha honra, e reputação, he revendicar-me das injustas censuras, que rigorosamente fulminou contra algumas proposições do meu discurso a inadvertencia, e pouca percepção de alguem, que me ouvio, como tambem a sinistra informação, de que se achão preoccupados, e possuidos muitos; porèm não he ainda a defeza natural o principal motivo, que me obriga a pôr na Real presença de V. Magestade este Sermão com o seu Prologo, e notas, em que se declarão genuinamente, e com clareza os verdadeiros sentidos, em que fallei por todo o discurso do mesmo Sermão; o principal motivo, e para mim mais delicado, he pertender justificar-me na Real presença de V. Magestade do susurro, que contra mim formárão mal intencionadas vozes, transtornando-me proposições, dando-lhes sentidos mui diversos daquelles, em que eu as proferi, e finalmente censurando-me outras com censuras Theologicas, em que pertendem mostrar a falta de obediencia, que eu tive aos Decretos da Igreja.

Co-

Como era possivel, Senhor, que eu cahisse em alguns destes tropeços, havendo consultado o Oraculo da Igreja, e tendo recebido delle tantas luzes? Como era possivel que, havendo em mim conhecimento das obrigações, que tinha por muitos titulos para discorrer no Mysterio da Conceição sem escandalo dos fieis, antes com edificação delles, dissesse cousa, que nem levemente offendesse a verdade deste Mysterio? Como era possivel que fosse tão cega a minha temeridade, que na presença do meu Monarca, que estava com a sua assistencia authorizando o culto daquelle dia, na presença dos Serenissimos Infantes, cuja devoção, e piedade he notoria, e manifesta a todo o mundo, na presença do Excellentissimo corpo Academico, que respeita a Maria Santissima neste Mysterio, como sua Protectora, proferisse contra o mesmo Mysterio proposições, que fossem dignas de censura? Isto, Senhor, não cabe na minha idéa, nem ainda para o imaginar; e com tudo coube na idéa dos meus adversarios, para julgarem que assim o executei. Em tudo, quanto me censurão os meus adversa-

rios,

rios, eſtão deſtituidos de razão, e fundamento. Iſto digo huma, e mil vezes proſtrado aos Reaes pés de V. Mageſtade, e o defenderei contra todo o mundo, menos a Igreja, a cujo juizo irreformavel, certo, e verdadeiro ſujeito o meu proprio parecer; mas deſta tenho certeza bem fundada, que ſempre ha de eſtar a meu favor, porque não profiro propoſição, ſem primeiro a conſultar com a meſma Igreja, da qual me reconheço, e confeſſo indigno filho.

Não tem razão os meus adverſarios em me cenſurarem o dizer eu, que o Myſterio da Conceição he indefinivel, e incrivel para os ſabios, porque jà tem delle evidencia; e muito menos razão tem em me confundirem eſtas propoſições com as de Luiz Antonio Muratorio no ſeu livro De voto ſanguinario, & ſuperſtitione vitanda. *Eſte famoſo homem do noſſo ſeculo, a quem muitos chamão monſtro de ſabedoria, foi abundante de ſciencia, como de liberdade, com que diſcorreo em muitas couſas, o que lhe ſoffre a Igreja em attenção à ſua grande litteratura, e em obſervancia da paz, e concordia, que pertende nos fieis. Aſſim expreſ-*

ſa-

ſamente o affirma o Summo Pontifice reinante, eſcrevendo ao Inquiſidor Geral de Heſpanha no anno de 1748 ſobre a prohibição dos livros do Cardeal Norris. (29) *Deſte ſabio admiro, e louvo a ſciencia, porèm não imito a liberdade, com que fallou em muitas couſas, eſpecialmente no Myſterio da Conceição immaculada de Maria. Diz que he indefinivel, e incrivel eſte Myſterio. Mas por que? Porque he incerta, e duvidoſa a ſua verdade. Eu porèm pelo contrario digo, que he indefinivel, e incrivel para os ſabios eſte Myſterio, porquè não ſó tem certeza, mas evidencia da meſma verdade. As primeiras propoſições ninguem póde duvidar que são injurioſas à ver-*

---

(29) Benedictus XIV in Epiſt. ad Inquiſit. Gener. Hiſpan. ann. 1748 menſe Julio ſic ait: *Notum deniquè tibi erit nomen Ludovici Antonii Muratorii adhuc viventis, multorumque librorum communi plauſu receptorum editoris; oh quàm multa in eis reperiuntur cenſurâ digna! Quot hujuſcè furfuris Nos ipſi eos legentes offendimus! Quot Nobis ab æmulis, & accuſatoribus oblata ſunt! Et Nos uſque adhuc abſtinuimus, & abſtinebimus ab operum condemnatione, noſtrorum Prædeceſſorum exemplis edocti, qui pacis, & concordiæ amore à proſcribendis his, quæ proſcriptionem merebantur, ceſſarunt; quandò videlicet cenſuerunt plus mali, quàm boni ex proſcriptione derivandum.*

verdade do Myſterio; as ſegundas tão longe eſtá de lhe ſervirem de injuria, que antes cedem em abono, luſtre, e gloria da meſma verdade, porque a tiro do eſtado de opinião, poſto que pia, e a ponho no eſtado da ſciencia. Não tem razão os meus adverſarios em dizerem, que violei a Bulla de Alexandre VII, propondo o argumento do Cardeal Caetano, e de Melchior Cano, e deixando-o ſem reſpoſta contra as determinações da meſma Bulla, (30) porque aquelle argumento não he contra a verdade do Myſterio, he contra a ſua definibilidade: não impugna que Maria Santiſſima foi pura, e immaculada na ſua glorioſa Conceição, que ſe o fizeſſe, então ſe violaria a Bulla, mas ſómente impugna que ſeja eſta verdade do numero daquellas, que podem pertencer à noſſa Fé, que he couſa diverſiſſima, e que muitos Doutores publicamente, e nos ſeus eſcritos affirmão, ſem incorrerem nas penas da dita Bulla; e ſe cremos ao Cardeal Palavicino, eſte foi o

***** jui-

(30) Alexander VII in Bulla: *Solicitudo omnium Eccleſiarum*, hoc prohibet in verbis ibi: *Argumenta contra ea afferendo, & inſoluta relinquendo.*

juizo, que desta verdade fizerão os Padres do Concilio Tridentino. (31) *Mas isto não me pertence a mim agora defender, porque não segui no discurso do meu Sermão o fundamento destes sabios, só digo que em o propôr, deixando-o indissoluto, não violei nem levemente a Bulla de Alexandre VII, como a todos os sabios, fazendo nisto reflexão, será constante.* (32) *Não tem razão em dizerem, que no apostrofe, com que me voltei para os Principes, e Monarcas da Europa, violei tambem a Bulla de Alexandre VII, porque nelle se me não mostrará cousa, que impugne*

---

(31) Palavicin. in Hist. Conc. Trid. loco suprà citato.
(32) *O Orador deixou o argumento de Caetano, e Melchior Cano sem resposta, porque a não sabe; se alguem a souber, estimará muito que lha diga, e que seja tão efficaz, que convença ao Summo Pontifice, e à Igreja, porque este será o meio para se definir este Mysterio. Adverte porèm que na resposta se tenhão presentes estas regras;* 1. pro Scriptura: *Ex sensu litterali proprio Sacræ Scripturæ firmum eruitur argumentum Theologicum;* 2. pro traditione: *Quod ab omnibus, quod ubique, quod semper observatum est;* 3. pro Ecclesia: *Pontifices in definitionibus cùm intra, tùm extra Concilia non condunt novos articulos Fidei, sed tantùm declarant hoc vel illud pertinere ad Fidem, contineriquè in Scriptura, vel traditione.*

gue directa, ou indirectamente, ou ainda com algum pretexto, a verdade do Mysterio, ou o seu culto, que he o que se prohibe na mesma Bulla. Não tem tambem razão em dizerem, que me oppuz aos empenhos da Religião Serafica, pertendendo temerariamente contrastallos, desviando a vontade dos mesmos Principes, e Monarcas, para que não continuassem nas súpplicas da definição deste Mysterio. Para eu entrar nesta empreza, era preciso que carecesse de todo o uso da razão, porque só então me podia vir ao pensamento, que as minhas humildes vozes erão bastantes para impedirem o exercicio da piedade, e devoção a Maria Santissima, que em V. Magestade he congenita. Quanto aos mais Principes, e Monarcas da Europa, não ha motivo para isto se julgar, porque se achavão tão distantes, que era impossivel ouvirem as minhas vozes; e quando as ouvissem, bem havião de conhecer, que quem as proferia nem tinha, nem podia ter tão temeraria intenção, como a que me imputão os meus adversarios. Finalmente não tem razão em dizerem satyricamente, que

 imi-

imitei no discurso do meu Sermão os meus maiores. A minha sagrada Religião, por todos os seculos desde a sua formação, tem sido tão fecunda de Santos, e de sabios, que lhe faria huma gravissima injuria, se entrasse a defendella; ninguem conhece melhor isto que a Igreja, e por isso faz ella na mesma Igreja tanto vulto. Prouvera a Deos que eu imitasse os meus maiores, porque seria santo, e seria sabio; porèm toda a minha infelicidade, e desgraça he que os não imito, por isso careço de sciencia, e santidade.

Estas são as razões, que me justificão, e me convenço que à vista dellas emudecerão os meus contrarios, e não seria justo que apparecesse na Real presença de V. Magestade este Sermão sem que ellas o acompanhassem, e lhe servissem de escudo para defender a sua propria innocencia, e de fiscal para arguir a emulação associada da ignorancia, e sinistra intelligencia. Agora sim, agora poderá o mesmo Sermão conciliar o Real agrado de V. Magestade, porque não ha cousa, que mais mova os corações dos Principes, que ver a innocencia per-

perseguida. Dos Principes disse! E que direi de hum tal Principe, em cujo clementissimo coração formou a piedade o seu throno, e estabeleceo o seu perpetuo domicilio? De hum Principe, que tendo sempre firme, e constante a balança de Astréa para premiar os benemeritos, e castigar os delinquentes, só admitte no tribunal do seu Regio espirito os embargos da clemencia? De hum Principe finalmente, que por benigno, e compassivo podia servir de idéa, e exemplar a todos os Monarcas Portuguezes, aos quaes, entre os do mundo, concede o universal applauso, por epitheto da sua grandeza, e bondade, o titulo de Pai de seus vassallos?

Eu, Senhor, com o mais profundo respeito da minha contemplação, considerando os progressos do feliz reinado de V. Magestade no breve espaço de trez circulos solares, pouco mais, e fazendo comparação com os que leio nas Historias, praticados na diuturna carreira de seis seculos, não duvido affirmar, que este he o seculo de ouro deste Reino, esta a Epoca mais venturosa de Portugal. Agora melhor

lhor que nunca vejo coroadas com o diadema aquellas ſoberanas virtudes, que conſtituem Principe perfeito a hum Monarca, e que fazem com prodigioſa harmonia felices os ſeus vaſſallos. Agora diviſo collocadas no throno a ſabedoria, a juſtiça, e a piedade, de cujos beneficos influxos são effeitos as ſabias, e prudentes leis, que ſe promulgão para utilidade do bem público, os infinitos deſpachos, aſſim politicos, como Militares, que manifeſtão não eſtarencioſa a juſtiça, e em inacção a beneficencia. Finalmente a clementiſſima attenção, com que V. Mageſtade ſe digna de ouvir os requerimentos de ſeus vaſſallos, ainda naquelles lugares, e tempos, em que as Leis Divinas permittem aos Soberanos o deſcanço, e a diversão para deſafogo da diuturna fadiga do ſeu Regio governo. Em fim agora experimento tambem em mim os beneficos influxos deſtas meſmas virtudes, e ſoberanas qualidades, pois tendo a honra de recitar na preſença de V. Mageſtade eſte Panegyrico, devi à alta comprehensão, e ſabedoria de V. Mageſtade hum penetrativo conhecimento não ſó da pureza das minhas

ex-

expressões, *do verdadeiro sentido*, *em que fallei*, *mas atè da minha recta intenção. Não fui menos devedor à justiça*, *e inteireza de V. Magestade*, *não permittindo se suffocasse como culpado este innocente parto do meu juizo para não sahir à luz do mundo*, *como pertendeo a emulação dos meus contrarios*, *querendo deste modo offuscar a minha honra. Finalmente à soberana clemencia*, *e piedade de V. Real Magestade devo a incomparavel honra de me conceder licença para o illustrar com o seu augustissimo*, *sagrado*, *e soberano nome*, *que foi exaltallo do humilde berço*, *em que nasceo*, *ao mais sublime cume de toda a felicidade*, *e dar-lhe juntamente hum seguro Real*, *para livremente correr sem temor de o offenderem. Deste modo condecorado este Sermão*, *jà fica decente*, *para que eu*, *prostrado aos Reaes pés de V. Magestade*, *lho offereça não só como tributo de vassallagem*, *mas tambem como demonstração da minha vontade*, *por tantos titulos devicta*, *e obrigada. Aceite V. Magestade com benigno aspecto esta obsequiosa demonstração*, *e sincero sacrificio*, *que nas aras do respeito*

lhe

lhe confagra o meu agradecimento ; e jà que efte Sermão teve a fortuna de receber os beneficos influxos de tantas , e tão fublimes virtudes , quantas ornão o Regio efpirito de V. Mágeftade , configa tambem da fua Real aceitação o ficar reputado por digno facrificio , que tributa ao feu Monarca hum vaffallo agradecido. Deos guarde a Real Peffoa de V. Mageftade por feculos para eterno efplendor defta Monarquia.

Fr. Jofé Malaquias.

PRO-

PROLOGO
AO SABIO LEITOR.

LEitor ſabio, ſe attenderes com reflexão a eſte Panegyrico, acharás que o Orador não pertendeo mais que moſtrar, que a Conceição immaculada de MARIA Santiſſima Senhora noſſa era verdade Theologica, que infallivelmente ſe inferia de ſer eſta Senhora Mãi de Deos, e do regular, e connatural modo, com que Deos obra, quando elege as creaturas para algum eſpecial emprego da ordem ſobrenatural, diſpondo-as, e preparando-as antecedentemente com a ſua graça ſantificante para as fazer dignas deſſe emprego. Peço-te que attendas ao exordio do Panegyrico, eſpecialmente na introducção do Euangelho, e tambem ao diſcurſo do Doutor Angelico, que o meſmo Orador adiantou para provar o ſeu aſſumpto, e conhecerás a verdade, com que te fallo. Parece-me que a não dizer o Orador, que a Conceição immaculada

de MARIA era Myſterio de fé, (o que certamente não diria, porque não he povo, nem tão pouco inſtruido neſtas materias, que ignore o modo, com que ſe deve fallar nellas) não podia dizer couſa, que foſſe mais em abono deſta verdade, que chamar-lhe Myſterio de ſciencia, iſto he, Myſterio, que ſe manifeſta pela ſciencia ſagrada, ou verdade, que ſe demonſtra pela Theologia, que tudo quer dizer o meſmo. Neſte aſſumpto não ſó declarou o meſmo Orador expreſſamente, que he certa, e infallivel a ſentença, que affirma ſer MARIA Santiſſima pura, e immaculada na ſua glorioſa Conceição, mas tacitamente dá a entender, que he falſa a opinião contraria. Iſto meſmo, que declara no aſſumpto, ſe faz evidente em muitas clauſulas do meſmo diſcurſo, que expreſſamente declarão o ſeu proprio parecer. Julgo, que não ſerá para ti nova a idéa de fazer demonſtravel eſte Myſterio, porque jà occorreo a alguns famoſos Oradores do noſſo ſeculo, que he ſuperfluo nomear-tos; e não te deve admirar, que entraſſem neſta empreza com hum

Myſ-

Myſterio, que não he de fé, ſe na meſma entrou o famoſo Daniel Huecio na ſua nunca baſtantemente louvada obra *Demonſtratio Euangelica*, pertendendo nella fazer ſcientificamente demonſtraveis os Myſterios da noſſa Religião com demonſtração não menos evidente que a Geometrica. O meſmo praticárão os Doutiſſimos Miguel Elizalde *in opere de forma veræ religionis quærendæ, & inveniendæ*, e Tyrſo Gonzales *in manuductione ad Mahumetanorum converſionem* 1. p. liv. 2. c. 2. Iſto ſuppoſto como certo, e em que não podes ter a menor dúvida, poderás como ſabio reparar em algumas expreſsões, que ſe achão no exordio deſte panegyrico, v. gr. *que a Conceição immaculada de Maria ſe não póde definir: que jà ſe não póde crer eſte Myſterio pela ſua evidencia.* Fundarás os teus reparos dizendo, que as verdades Theologicas, ainda que ſcientificas, não tem tanta evidencia, que não as poſsão crer os fieis, determinando-lho a Igreja. Moſtrarás varias verdades Theologicas, que paſſárão a dogmas pelas definições dos Papas; e ultimamente concluirás

 di-

dizendo, que ainda que os diſcipulos de S. Thomaz, de Eſcoto, de Molina, e de Fonſeca affirmem, que a ſciencia he incompativel com a fé pela ſua evidencia; com tudo exceptuão as concluſões Theologicas, as quaes são ſó evidentes *evidentia conſequentiæ*, e não *evidentia conſequentis*, que he o que baſta para ſe poderem crer com fé Divina. Bem pudera o Orador ſatisfazer-te eſte reparo com a ſolução commua, de que foi encarecido em fazer tão evidente eſta verdade, porèm que ſe lhe não deve criticar iſto; porque os hyperboles, que ſe não permittem no eſtylo eſcolaſtico, e analytico, são permittidos no poſitivo, e oratorio, e talvez muitas vezes neceſſarios; como quando o hyperbole de huma couſa ſe ordena para manifeſtar outra, que he certa, e verdadeira, e que he o principal aſſumpto, que ſe trata. Eſte he hum dos tropos da Rhetorica, e delle usárão os melhores Oradores, aſſim profanos, como ſagrados, a quem imitou o Orador. Facil couſa ſeria moſtrar o ſeu uſo em varios diſcurſos dos Santos Padres; e o que mais he, nas ſagra-

gradas Letras, especiálmente na ultima claufula do Euangelho de S. João; porèm como o teu reparo he escolastico, e de quem professa com todo o rigor o estylo analytico, e o quer ver em tudo praticado, dará o Orador resposta a elle tambem escolastica, e verdadeira. Admitte pois, que as conclusões Theologicas se possão crer com fé Divina, e tambem, que se possão definir, tendo as condições, que para isto se requerem, e que tu não ignoras; porèm diz, que a Conceição immaculada de MARIA alèm de ser conclusão Theologica, he tambem conclusão scientifica, deduzida de principios fysicos, e metafysicos, certos, e evidentes, que evidentemente a demonstrão: logo tem a evidencia, que os Theologos mencionados julgão ser incompativel com a nossa fé. Antes de fazer esta demonstração, he preciso, sabio Leitor, que attendas ao estado, em que se acha esta verdade. Todos os Catholicos unanimemente conspirão para o seu assenso: todas as Universidades do mundo a defendem, e as mais celebres, como a sagrada Faculdade Pari-

risiense, e a de Coimbra, obrigão à todos os seus Alumnos na recepção dos gráos, a que jurem o defendella: em muitas Religiões, entre os votos substanciaes, introduzem tambem o voto sanguinario: os fieis concorrem com mais fervor para o culto deste Mysterio, do que ainda para o de outros, e atè Deos confirma este piedoso culto com prodigios, que nos referem as Historias. Supposto isto, que a todos he notorio, e evidente, podes formar este discurso demonstrativo: *He impossivel que todos os Catholicos, e todos os sabios conspirem em hum assérto, que em nada favorece a liberdade, e que Deos confirma com prodigios, e que não seja verdadeiro este assérto, aliàs faltaria a Providencia de Deos, com que governa este mundo, permittindo nelle huma tão insigne falsidade, seria author especial della, confirmando-a com prodigios, e finalmente com razão se lhe imputaria especialmente este engano. A Conceição immaculada de Maria he hum assérto, que tem todas estas circumstancias: logo he certa, e verdadeira.* Pondera agora comtigo, sabio Leitor, a

evi-

evidencia deste discurso, que eu só te posso affirmar, que a demonstração, que os Filosofos fazem da existencia de Deos, não he mais evidente, do que esta; e comtudo todos os discipulos de S. Thomaz affirmão, que pela sua evidencia se não póde crer com fé Divina, nem tambem definir para os sabios: logo, por que não poderia eu tambem dizer, que a verdade da Conceição immaculada de MARIA era huma verdade, que jà pela sua evidencia se não podia crer com fé Divina, nem por isso mesmo definir-se para os sabios, com quem fallava? Dirás que no principio do exordio profiro aquellas proposições em sentido absoluto, e sem as restringir aos sabios. Eu to confesso, porèm não me poderás negar, que logo immediatamente as restrinjo, porque só isto me servia para o assumpto, que tomei. E que lei ha, que mande censurar proposições de hum discurso dilatado, sem se attender ao seu contexto, e às suas explicações? Isto não cabe dentro dos limites da justiça, nem do recto dictame da razão. Se attenderes à pratica da Igreja, acharás, que quando quer

quer cenſurar as propoſições de algum livro, ou tratado, attende primeiro que tudo ao contexto das meſmas propoſições, e por elle vem em conhecimento ſe são, ou não dignas de cenſura. Iſto meſmo deves tu praticar com eſtas minhas propoſições para não as cenſurares, como proferidas em ſentido abſoluto, attendendo a que as limito logo, e em todo o corpo do diſcurſo; porèm dado, que não as reſtringiſſe, e que as diſſeſſe em ſentido abſoluto, diria por ventura couſa digna de cenſura, ou que offendeſſe levemente a verdade do Myſterio? Leitor ſabio, deſembaraça-te de preoccupações, e prejuizos. Eu bem poſſo defender a verdade da Conceição immaculada de MARIA affirmando, que he certa, e certiſſima, como fiz em todo o diſcurſo do meu Sermão, e dizer juntamente, que ſe não póde crer com fé Divina, nem tambem definir-ſe pela Igreja, fundado em que eſta verdade não conſta da Eſcritura, nem da tradição Apoſtolico-Divina. Iſto dizem graviſſimos Theologos, e prouvera a Deos, que niſto paraſſem os ſeus diſcurſos, porque nem le-

ve-

vemente offenderião a verdade, e a certeza do Myſterio; porque a definibilidade, e credibilidade são accidentes das verdades, como ſabem atè os principiantes das eſcolas. Dize-me: Lograrà por ventura na Igreja maior authoridade a verdade do Myſterio da Conceição, que a do Myſterio da Aſſumpção? Eſtou certo que me has de dizer que não: e na verdade; porque tudo o que eſtá a favor do Myſterio da Conceição, te poſſo evidentemente moſtrar, que eſtá a favor do Myſterio da Aſſumpção; e não minto ſe diſſer, que eſte tem por ſi mais alguma couſa, que não he preciſo referir-te. E ſe eu diſſer, que ſe não póde definir pela Igreja eſte Myſterio, nem tambem crer pelos fieis com fé Divina, direi couſa digna de cenſura? Se me diſſeres, que ſim, tambem te poderei dizer, que es capaz de cenſurar o que dizem os Pontifices. Lê os admiraveis Commentarios do Summo Pontifice reinante na ſegunda parte das feſtas da Bemaventurada Virgem num. 115. e acharás, que expreſſamente diz, que o Myſterio da Aſſumpção não he Artigo de

fé,

fé, porque não consta da Escritura, nem da tradição Apostolico-Divina, dando nisto a entender virtualmente, que se não póde definir pela Igreja, nem crer pelos fieis com fé Divina; porque não ha Theologo, que ignore, que os fieis só podem crer com fé Divina o que Deos disse ou nas Escrituras, ou nas tradições, e que a Igreja não he regra revelante, mas proponente, e que só tem authoridade para discernir, e declarar como dogma de fé o que está revelado por Deos nas mesmas Escrituras, e tradições. Dirás, conformando-te com o parecer do Papa, que o Mysterio da Assumpção não consta das Escrituras, e tradições, porèm que o contrario succede com o Mysterio da Conceição. Mas se isto disseres, poderei eu tambem dizer, que este dito he em ti prejuizo, e preoccupação; porque em primeiro lugar, a tradição mais está a favor do Mysterio da Assumpção, do que a favor da Conceição, o que evidentemente sabem os eruditos; e sem embargo disto diz o Summo Pontifice, que não he tradição bastante para ser dogma o Mysterio da Assumpção.

pção. Quanto à Escritura, ambos os Mysterios estão iguaes, porque em toda ella não ha texto litteral, donde se collija o facto destes Mysterios. Isto te hão de dizer todos os Theologos, que não tomárão partido na controversia da Conceição, e o que mais he, isto te ha de dizer tambem o Doutor Eximio, acerrimo propugnador deste Mysterio, que o prova com authoridade negativa da Escritura. Lê a este famoso homem, o mais esclarecido ornamento da sagrada Companhia, no segundo tomo dos Commentarios à terceira parte do Doutor Angelico, em que trata dos Mysterios da vida de Christo na disputação terceira, na secção quinta. Outras muitas verdades te pudéra propôr, que são certas, e certissimas, as quaes se não podem crer com fé Divina, nem tambem definir pela Igreja, porque não constão da Escritura, nem tradição. No discurso deste Panegyrico acharás huma, que he a gloriosa Apparição de Christo resuscitado a sua Mãi; mas baste jà, porque estou certo, que te darás por convencido com a efficacia destas razões, e conhecerás

rás com evidencia ſerem mal fundados os teus reparos ſobre as primeiras clauſulas do Sermão, ainda proferidas em ſentido abſoluto, e ainda que não as reſtringiſſe pelo diſcurſo delle. Quanto ao apoſtrofe, com que me voltei para os Principes, tambem poderás formar algum reparo; porèm affirmo-te com ſinceridade, que não havia de uſar deſta figura, ſe previſſe que havia de fazer hum tão grande figurão, como o que tem feito neſta Corte; ſeguro-te que a minha intenção foi boa, e nunca imaginei, que ſe me pudeſſe viciar, porque a prevello, tiraria toda a occaſião de eſcandalo a huma Familia Religioſa, a quem mais amo, venero, e reſpeito entre todas as que ornão o Firmamento da Igreja. Confio porèm em Deos, que a meſma ſagrada Familia, lendo eſte Sermão, e não achando nelle as falſidades, que ſe lhe imputárão, modere o ſeu eſcandalo, e deſculpe o não me conformar neſte apoſtrofe com os ſeus empenhos, em attenção ao muito, que me conformo em todo elle com a ſua piedoſa, e ſcientifica ſentença. Deos perdoe a quem levantou eſta

poei-

poeira ; e me faz a mais ſanguinolenta guerra , que ſe fez entre Catholicos : jà infamando-me por toda eſta Corte com o titulo de herege, e deſobediente às Bullas Apoſtolicas : jà eſpalhando na portaria , e no Coro de hum Convento deſta Corte papeis injurioſos, em que dava noticia de propoſições, que eu não diſſe; e ſe as diſſe, hião por elle tranſtornadas, e viciadas : jà finalmente recitando na preſença de toda a Academia, e na occaſião, em que ſe achava nella o preclariſſimo, e eloquentiſſimo Abbade Labbé Garnier, hum libello de injurias , falſidades , e impoſturas contra a minha peſſoa , e na minha propria face , ſem attender a que ſou filho de huma Religião tão benemerita , e que tantos ſerviços tem feito à Igreja, à qual não devia ſatyrizar, como fez virtualmente no que diſſe. Eu lhe perdoo de todo o meu coração, e me compadeço da ruina, que tem cauſado na ſua alma, aſſim como me compadeci delle na ſevera reprehensão, que lhe deo no acto de ler eſte libello o noſſo Digniſſimo Cenſor o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Conde

de de Sabugoza, varão ainda maior pelas raras qualidades, virtudes moraes, e intellectuaes, com que todo o mundo vê ornado o ſeu eſpirito, que pela grandeza da ſua caſa, e peſſoa, a quem eu, em reconhecimento da minha divida, e obrigação, ſempre confeſſarei meu preclariſſimo protector, e bemfeitor, porque não ſó me defendeo, mas me honrou, reſplandecendo a ſua juſtiça na protecção, e na exceſſiva honra, que me fez a ſua generoſidade, e grandeza. Tu tambem, ſabio Leitor, poderás fazer juſtiça, que he unicamente o que peço, julgando ſe merecia, ou não eſte diſcurſo as horriveis cenſuras, e notas, que lhe fizerão, e disfarçando alguns defeitos, que nelle acharás por outros principios, pelos quaes eu me não atreveria a pollo em público, ſe não tiveſſe occaſião tão juſta. Baſte já de Prologo, que parece dilatado para obra tão pequena.

Vale.

LI-

LICENÇAS.

Da Ordem.

Approvação dos M. RR. PP. MM. e Doutores Fr. João da Cunha, e Frei João de Santa Rosa, Qualificador do Santo Officio.

POr ordem de V. Reverendissima vimos o Sermão, que na solemnissima festividade, com que os sabios Alumnos da Real Academia annualmente celebrão as glorias da purissima Conceição de MARIA Santissima Senhora nossa prégou o R. P. Fr. José Malaquias, Consultor do Santo Officio, Examinador das Trez Ordens Militares, Lente de Vespera da Universidade deste Convento de São Domingos de Lisboa, e Academico da mesma Academia: obra, que pelo nobre do artificio, grandeza do objecto, elevado estylo, elegante erudição, evidencia, com que demonstra, e convence a verda-

de

de do Myſterio, em tudo ſe manifeſta legitimo parto do relevante engenho, e grande talento do ſeu Author, podendo-ſe-lhe com razão applicar o que em louvor de outro ſemelhante diſſe a diſcreta penna de Salviano: (1) *Opus arte nobile, rebus grande, eruditione elegans, ſtylo inſigne, veritate clarum, nec à ſuo Auctore alienum*, e aſſim he; porque quando não tivera dado ao público tantas, e tão evidentes provas da ſua litteratura nos repetidos actos, com que nas Aulas ſe tem manifeſtado eminente Theologo em huma, e outra Theologia, dogmatica, e eſcolaſtica, não fallando em outros eſtudos, que ſem o divertirem da applicação aos do proprio inſtituto, o tem dado a conhecer no orbe litterario por hum dos ſogeitos ſabios, e inſtruidos, baſtava eſte Sermão para não ſó lhe eſtabelecer, mas augmentar a gloria, que nas cadeiras lhe tem adquirido o magiſterio: (2) *Totam gloriam, quam magiſterio ante quæſiſti, ruens auxit oratio.* Aſſim o moſtrou a ſilencioſa attenção, com

(1) Salvian. Epiſt. 8. (2) Symmacho Epiſt. 89.

com que foi escutado daquelle sabio, e erudíto congresso, e repetidos elogios, com que pelos mesmos depois foi acclamado, causando este Sermão na Corte (onde poucos fazem figuras de vulto) hum tal éco, que impacientes os que o não ouvírão, esperão que a beneficios do prélo se lhes satisfaça a sua expectação. Mas que muito causasse hum estrondo tal, se coarctado nelle o seu grande talento à abreviada esfera de hum panegyrico, qual fogo, que quando ateado em o popyrio, (polvora lhe chama o nosso idioma) quanto mais opprimido, e reduzido se vê ao limitado corpo de hum pequeno artefacto, tanto mais sóbe a manifestar as suas luzes com ardente, veloz, e estrondóso impulso, a impulsos do seu ardente, activo, e elevado discurso manifeste tão bem este eminente Orador os luminosos raios da sua grande erudição! E se com impaciencia espera o público este papel para admirar no escrito o que não ouvio no pulpito, visto não encontrar nelle a censura cousa contra a Fé, e bons costumes, antes com a sua publicidade se acredita a

nossa sagrada Religião, mostrando assim o quanto desempenha o especioso programma, com que a engrandece, e elogía o sabio, e famoso Caramuel: (3) *Sacer Ordo Prædicatorum, perrara, ac perità doctorum domus*, fazendo-se por todos estes titulos benemerito do prélo: (4) *Dignum equidem, quòd aureis apicibus scribatur*; razão he que V. Reverendissima lhe conceda a licença, que pede, satisfazendo assim à grande expectação do público, que julgamos, vendo hum tão excellente Sermão, romperá nos mesmos elogios, em que rompeo a discreta Rainha Sabbá, vendo, e admirando a incomparavel sabedoria de Salamão: (5) *Maior est sapientia tua, quàm rumor, quem audivi.* Este he o nosso parecer, V. Reverendissima fará o que for servido. S. Domingos de Lisboa, 16. de Janeiro de 1754.

Fr. João da Cunha. Fr. João de Santa Rosa.

Fr.

(3) Caramuel in apollie. anag. musa 4. §. 486. (4) Canisio lib. 2. cap. 14. (5) Regum 3. cap. 10. vers. 7.

FR. Silveſtre de S. Thomaz, Meſtre na Sagrada Theologia, Conſultor do Santo Officio, e Bulla, Examinador das Trez Ordens Militares, e Prior Provincial da Ordem dos Prégadores neſte Reino de Portugal, &c. Pela preſente, e pela authoridade do noſſo officio damos licença ao R. P. Fr. Joſé Malaquias, Conſultor do Santo Officio, Examinador das Trez Ordens Militares, e Lente de Veſpera no noſſo Convento de S. Domingos de Lisboa, para que poſſa dar à imprenſa o Sermão do ſagrado Myſterio da Conceição de MARIA, que na preſença de S. Mageſtade, e da Real Academia recitou no dia oitavo da meſma Senhora, ſuppoſta a approvação dos M. RR. PP. MM. Fr. João da Cunha, e Fr. João de Santa Roſa, a quem committemos o ſeu exame. Dada neſte noſſo Convento de S. Domingos de Lisboa, ſob noſſo ſinal, e ſello, aos 17. de Janeiro de 1754.

Fr. Silveſtre de S. Thomaz, Prior Provincial.

Regiſt. a fol. 174. verſ.

Fr. Manoel dos Santos, Preſentad. Secretar. e Companheir.

Do Santo Officio.

Approvação do M. R. P. M. José Troyano, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Trez Ordens Militares, e Synodal do Patriarcado.

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

VI este Sermão, que na festa, que a Real Academia annualmente consagra ao Mysterio da Conceição immaculada da Virgem Senhora nossa, recitou o R. P. M. Fr. José Malaquias, singular ornamento da Ordem dos Prégadores, e bastava a erudição, e litteratura deste singular engenho para o Sermão poder passar sem suspeita, nem reparo; porèm como o assumpto do Panegyrico deo occasião a alguns reparos, por isso o Author o quer dar a público, para que os doutos examinem com madureza o sentido, em que fallava. He a substancia do assumpto,

que

que o Myſterio da Conceição immaculada não póde ſer objecto de fé, por ſer objecto da evidencia.

Quanto à evidencia tão fortes, tão ſolidos, e de tanto pezo são os fundamentos, que excogitárão os ſabios em tantos ſeculos a favor do Myſterio, que ſe não póde dar por temerario quem o julgar evidente; e na ſuppoſição de o ſer, procedeo o Author na ſentença da ſua eſcola com o Doutor Angelico, de que o objecto evidente não póde ſer objecto de fé. Aſſim o enſina o Santo Doutor 2. 2. q. 1. art. 5. ibi: *Impoſſibile eſt, quòd idem ab eodem ſit ſcitum, & creditum*; porèm deſtas palavras *Idem ab eodem* tirára eu hum meio termo, com que me parece ſe podem conciliar os animos diſcordes. He certo que huns, e outros todos ſe fundão na devoção da Virgem Senhora noſſa, e cada hum por ſeu modo ſe quer moſtrar empenhado pela verdade do Myſterio, aſſim os doutiſſimos Academicos, que ſuſpirão pela definição da Igreja, como os que a impugnão por conta da evidencia, como pertende o doutiſſimo Panegyriſta; e neſta

ta uniformidade de devoção, e discordia de entendimentos, me parece se podião conciliar com a doutrina do Doutor Angelico ubi supr. q. 2. art. 4. ad 2. onde diz assim: *Quòd de eodem non potest esse scientia, & fides apud eumdem: sed id, quod est ab uno scitum, potest esse ab alio creditum*, o que jà tinha ensinado o Santo Doutor na citada q. 1. art. 5. *Impossibile est, quòd ab eodem idem sit scitum, & creditum. Potest tamen contingere, ut id, quod est visum, vel scitum ab uno, sit creditum ab alio*; por onde representar-se o Mysterio evidente ao Author deste Sermão, não tira o poder-se definir, e ser de fé Divina, porque *Id, quod est ab uno scitum, potest esse ab alio creditum*, e cada hum defenderá a verdade do Mysterio conforme a intelligencia, que Deos lhe der, jà seja por fé Divina, jà por sciencia humana; nem o Author he contra isto, como se collige do exordio deste Sermão, e do seu Prólogo.

Quanto ao apostrofe, com que o Author se volta para os Principes, pedindo-lhes, que se não empenhem na defini-

ção

ção do Myſterio, he certo, que ſe elle não for definivel, por mais que os Principes ſe empenhem, a Igreja o não ha de definir: e neſtes termos melhor ſerá deixar a cada hum obrar conforme a ſua devoção.

No mais ingenuamente confeſſo que não acho neſte Sermão materia alguma de reparo, antes me admiro muito da novidade do aſſumpto, do engenho, e agudeza, com que o Author o diſcorre, e da ſolidez, com que o prova. He ſem dúvida que grandes Principes, e Monarcas ſe tem empenhado com a Igreja para alcançarem a definição deſte Myſterio, e he igualmente certo, que o não tem conſeguido. E por que não ſerá licito ao douto Panegyriſta diſcorrer o motivo deſta denegação? Iſto faz no preſente panegyrico, diſcorrendo, com grande credito dos ſabios, huma razão, ſe não certa, ao menos provavel, que he o que baſta para não merecer as rigoroſas cenſuras, que lhe derão, e elle desfaz com o doutiſſimo Prologo, e com as excellentes notas marginaes deſte Sermão, em que bellamente

ſe

fe explica, e declara o fentido, em que falla; pelo que não contendo efte Sermão coufa alguma contra a Fé, ou bons coftumes, bem fe póde dar licença para fe imprimir. Voffas Illuftriffimas ordenarão o que for mais acertado. Lisboa, e Congregação do Oratorio, 25. de Janeiro de 1754.

José Troyano.

VIfta a informação, póde-fe imprimir o Sermão, que fe aprefenta, e depois voltará conferido, para fe dar licença que corra, fem a qual não correrá. Lisboa, 25. de Janeiro de 1754.

Fr. R. de Lancaftre. Silva. Abreu. Paes. Trigozo. Silveiro Lobo. Caftro.

Do

Do Ordinario.

Approvação do M. R. P. M. Fr. Francisco Augusto, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Examinador das Trez Ordens Militares, Synodal do Patriarcado, &c.

EXC.mo E REVER.mo SENHOR.

NEste Sermão, que na festa da Conceição purissima de MARIA Senhora nossa prégou o M. R. P. M. Fr. José Malaquias, da sagrada Ordem, e preclarissima Religião dos Prégadores, se acha hum engenhoso modo de provar a verdade deste Mysterio soberano; porque a evidencia, e certeza desta verdade, que em todo o Sermão quer persuadir aos fieis, não póde servir de obstaculo à definição de fé, que tanto appetecemos os Portuguezes, e pela qual os Senhores Reis deste Reino tem feito repetidas instancias ao supremo

Oraculo do ſagrado Vaticano. Bem moſtra o doutiſſimo Author deſte Sermão, que ſe não quer excluir deſtes devotos animos, (ſem embargo do apoſtrofe, que nelle ſe acha) quando agora no Prologo, que pertende tambem imprimir, declara melhor o ſentido, em que fallou, pondo por exemplo a exiſtencia de Deos, a qual ſendo evidente, certa, e infallivel para os ſabios, he hum dos Myſterios da noſſa fé, e tão neceſſario para a ſalvação, que o Apoſtolo S. Paulo tendo-a por impoſſivel no verſ. 6. do cap. 11. da carta, que eſcreveo aos Hebreos: *Sine fide autem impoſſibile eſt placere Deo*, o primeiro artigo, que manda crer aos fieis, he eſte da exiſtencia de Deos: *Credere enim oportet accedentem ad Deum, quia eſt*. E declarando o Author o ſeu conceito com eſte meſmo exemplo, pareçe-me que não tem lugar a cenſura ainda dos que na devoção de Maria Senhora noſſa, e da ſua Conceição puriſſima ſe querem moſtrar mais zeloſos, e empenhados, pois com as meſmas razões, e fundamentos, com que os Theologos defendem a evidencia, e a fé

de

de hum Myſterio expreſſamente revelado nas ſagradas Letras, poderão defender muito melhor outra evidencia muito inferior, que o Author perſuade, com a fé, que devem ter deſta verdade aquelles, que tiverem a fortuna de ouvirem a ſua definição da boca do Summo Paſtor da Igreja, ſe aſſim convier aos fins da Providencia do Altiſſimo, cujos ſegredos incomprehenſiveis nenhum entendimento creado póde penetrar. Iſto he o que encontro neſte Sermão, alèm da engenhoſa idéa, concludentes provas, vaſta erudição, e genuina applicação de Eſcrituras, que me davão fundamento para grandes elogios, ſe a obrigação de Cenſor me não fizeſſe ſuſpender a penna, cingindo-me ſó a informar a V. Excellencia, que o Sermão não encontra os dogmas da fé, nem offende a pureza dos coſtumes. Carmo de Lisboa, 29. de Janeiro de 1754.

Fr. Franciſco Auguſto.

VIsta a informação, póde-se imprimir, e depois volte conferido para se dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa, 31. de Janeiro de 1754.

D. J. Arceb.

Do Paço.

Approvação do M. R. P. Diogo Barbosa Machado, Abbade da Paroquial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do Numero da Academia Real.

SENHOR.

COmo posso obedecer ao soberano preceito de V. Magestade, sendo Censor do Sermão, que prégou o P. M. Frei José Malaquias, benemerito Alumno da preclarissima Ordem dos Prégadores, fecunda progenitora de monstros da sabedoria em todos os seculos, se V. Mages-

ta-

tade foi delle o Panegyrista, quando o ouvio recitar na sua augusta presença? Quem não incorrerá em a nota de sacrilego, intentando com a censura profanar o alto conceito, que V. Magestade fez desta obra? Converta-se pois, em obsequio da obediencia, a severidade critica em glorioso applauso do Orador Euangelico, que com artificio novo fabricou na officina da mais solida Theologia a idéa, em que preferindo luzes a sombras, estabeleceo o indulto, com que a Omnipotencia Divina izentou a MARIA Santissima do fatal contagio, que inficionou toda a descendencia do primeiro homem, mostrando evidentemente, sem a definição da fé, a verdade da pureza original daquella Princeza, que havia de ser Mãi do Divino Verbo. Correspondeo a singularidade do assumpto à singularidade do privilegio, e a pureza da frase contribuio para fazer mais clara a pureza do Mysterio. Triunfe pois este Catholico Demosthenes da emulação colligada com a ignorancia, e a fama publique o seu nome pela vastissima circumferencia do Orbe litterario com as famosas

an-

antonomaſias de principe da Theologia Eſcolaſtica, e Polemica, e da Oratoria Ecleſiaſtica. Eſte o meu parecer, que então ſerá judicioſo, quando mereça o beneplacito de V. Mageſtade. Lisboa, 1. de Fevereiro de 1754.

Diogo Barboſa Machado.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará à Meza para ſe conferir, e taixar, e dar licença, para que corra, que ſem ella não correrá. Lisboa, 4. de Fevereiro de 1754.

Ataíde. Carvalho. Caſtro.

Da

Da Academia.

Approvação do Doutor Ignacio Barboſa Machado, do Deſembargo de S. Mageſtade, ſeu Deſembargador do Porto, Chroniſta Geral de todo o Ultramar, Collector de todas as Leis, e Regimentos pertencentes às ſuas Provincias por ordem, e mercê Real, e Academico do Numero da Real Academia da Hiſtoria Portugueza.

ILL.mos E EXC.mos SENHORES.

COmo favor eſpecial da benevolencia de Voſſas Excellencias recebo a ordem para examinar o Sermão, que recitou o Reverendiſſimo P. M. Fr. Joſé Malaquias, Qualificador do Santo Officio, e Lente de Veſpera de Theologia em a Univerſidade do Real Convento de São Domingos deſta Corte, na feſta, que annualmente dedica a noſſa Real Academia

ao

ao Myſterio da Conceição puriſſima da Mãi do Verbo Eterno MARIA Santiſſima. He certo, Excellentiſſimos Senhores, que deſte grande Sermão devem ſer todos Panegyriſtas, e não Cenſores; porque alèm da ſua intrinſeca excellencia, no dia, em que ſe prégou, foi ouvido com tal applauſo dos mais ſabios Academicos, de Voſſas Excellencias, dos Sereniſſimos Infantes, e de ElRei noſſo Senhor, que ſó deſta auguſta approvação ſe adquirio immortal gloria, e para tão inſigne Orador, ficando aſſim diminutos, e mal fundados todos os elogios, que podia formar a maior eloquencia em louvor de huma tal producção, ideada para novo obſequio da Senhora, e da ſua puriſſima Conceição. Todos aquelles ſabios ouvintes obſervárão, que o noſſo Orador, à maneira de Aguia Real, ſe remontava perſpicazmente a perceber no Sol da juſtiça aquellas puriſſimas luzes, que lhe influírão no ſeu engenho a novidade de hum aſſumpto, em que vencendo a incerteza das opiniões, provou a Conceição puriſſima com a evidencia de ſcientificas demonſtrações. Foi o

fauſ-

fausto dia daquella solemnidade a sagrada Epoca, em que se estabeleceo ser a pureza original da Senhora não jà conhecida com o titulo de opinião pia, mas sim de evidencia Theologica. Para mostrar esta verdade, que discursos não formou, que textos, e authoridades não propoz, e que adornos da eloquencia lhe não revestírão a sua doutissima Oração? Nella triunfou este Lusitano Tullio de todas as dúvidas, que por mais de trez seculos fizerão duvidoso na contenda dos Theologos este nobre assumpto da nossa devoção. Conseguio pelo vasto, e profundo da sua erudição, que se o orbe Serafico produzíra no Subtil Escoto hum robustissimo Athleta para defensa da original pureza da Senhora, a sagrada, e doutissima Ordem dos Prégadores deo em Portugal em tão Religioso filho muito maior propugnador dos matutinos candores da purissima Conceição. Mas se atè ao Principe dos Astros se oppõem tenuissimos atomos de infimos vapores da terra, não estranharei, Excellentissimos Senhores, que a desordenada percepção não conhecesse as verda-

 dei-

deiras proposições do nosso sapientissimo, e modestissimo Orador; pois truncando-se nos seus discursos palavras, e não se penetrando o verdadeiro sentido, em que fallou, nem a conclusão do que provou, não obstante a innocencia da sua doutrina, se vibrou contra elle a invectiva, que Vossas Excellencias tão justamente reprovárão, parecendo-me succeder agora o que ponderou em defensa do maior Theologo Santo Agostinho seu discipulo São Prospero na Prefação *adversùs Collatorem*, *ibi*:

Unde ergo hæc sententia tam severi emersit examinis? Unde in hanc austeritatem supercilium tam tetricæ frontis se armavit, ut mensuras sensuum, pondera locutionum, numeros syllabarum insidiosus scrutator eventilet, magnumque se aliquid conficere præsumat, si Catholico Prædicatori *notam erroris affigat, quasi incognitum aliquod opus, & quod hactenus latuerit, impetatur, an illa iis morsibus doctrina lanietur?*

Pa-

Palavras, que parece fatidicamente tambem se escrevêrão para o presente caso, e muito mais, se se ler com a attenção, que merece, o Prologo, que o Reverendissimo Prégador quer imprimir com o mesmo Sermão. Publique-se pois para se eternizar com elle a fama do seu mesmo Author, cujo nome ficará gravado nos Fastos Marianos, como de tão insigne cultor da sua purissima Conceição, emudecendo eternamente as vozes da maledicencia. Este he o meu parecer, Vossas Excellencias mandarão o que forem servidos. Lisboa, 3. de Fevereiro de 1754.

Ignacio Barbosa Machado.

O Director, e Censores da Academia Real da Historia Portugueza dão licença para se imprimir este Sermão, declarando nelle o seu Author o titulo de Academico, vista a approvação do Academico, a que se commetteo o seu exame. Lisboa, aos 14 de Fevereiro de 1754.

O Conde de Sabugoza. O Conde de Assumar.
O Conde de S. Lourenço. O P. Manoel de Campos.
O Conde de Villar-Maior. Nuno da Silva Telles.

PROTESTAÇÃO.

PRotesta o Author, que tudo, quanto diz neste papel, sujeita ao juizo da Santa Madre Igreja Catholica Romana, cujo juizo reconhece irreformavel, certo, e verdadeiro: e roga aos sabios, que se descubrirem nelle algum erro ou na historia, ou na chronologia, ou na eloquencia, ou em citação menos ajustada, o desculpem, porque o fez (menos o Sermão) no espaço de quinze dias, instigado do impulso da sua honra indignamente ultrajada, sem adjutorio algum humano, nem ainda para escrever as citações da doutrina, que achava nos Authores, sem faltar às pensões da sua communidade, e cadeira, como a todos os Religiosos do seu Convento he constante; porém muito confiado em Deos, que sabendo a sua innocencia, e recta intenção, com que prégou, o havia de purificar, e defender das imposturas, que contra elle formou a invectiva dos seus adversarios.

De

De qua natus eſt Jeſus.

S. Mattheus no I. cap.

QUE encontrado eſtá hoje o meu juizo com as voſſas eſperanças! Eſperais impacientes que o Oraculo da Igreja defina ſolemnemente, que a Mãi de Deos não contrahio como os mais deſcendentes de Adão a culpa original. Contra eſtas eſperanças julgo eu, que não póde a Igreja definir eſta verdade. Só aquellas verdades podem ſer definidas pela voz do Vaticano, (dizião aquelles dous famoſos ho-

homens, que florecêrão no tempo dos Concilios Lateranense, e Tridentino, o Cardeal Caetano, e o grande Melchior Cano:) (1) Só aquellas verdades podem ser definidas pela voz do Vaticano, que forão reveladas por Deos ou nas Escrituras, ou nas tradições Divinas, communicadas de Christo aos Apostolos, dos Apostolos à Igreja, e nella conservadas como em deposito, sem interrupção alguma pela serie dos seculos; e como a Conceição immaculada de MARIA seja hum facto, de que não falla a Escritura, nem consta da tradição, não póde a Igreja definillo. Assim discorrião estes dous famosos homens naquelle tempo, em que se principiárão com mais força as diligencias para se definir este Mysterio; porèm não he este o fundamento, que agora me move a julgar, e proferir neste lugar, e na presença dos sabios, que me ouvem, que a Igreja não póde definir a Conceição immaculada de

(1) Caietan. opusc. de hac re. Cano lib. 4. de loc. Theol. cap. 4. & lib. 7. cap. 3. concl. 4.

de MARIA. (2) Move-me o considerar jà incrivel este Mysterio pela sua evidencia. Duas cousas se requerem, para que huma verdade se possa crer com fé Divina, certeza, e escuridade: certeza, porque a fé se funda no Divino testemunho, que não póde enganar, nem enganar-se: escuridade, porque a fé (como diz o Apostolo S. Paulo) he argumento de cousas occultas, e escondidas: *Argumentum non apparentium.* (3) Por falta de certeza não considero eu incrivel o Mysterio da Con-

(2) *Note-se, que o Orador não se valeo do fundamento destes sabios para duvidar da verdade do Mysterio. Note-se tambem, que deixando o Orador sem resposta este argumento de Caetano, e de Cano, não peccou contra a Bulla* Solicitudo omnium Ecclesiarum *de Alexandre VII. nas palavras*: Argumenta contra ea afferendo, & insoluta relinquendo; *porque o sobredito argumento não he contra a Conceição immaculada de Maria, ou contra a verdade deste Mysterio, que he o que se prohibe na dita Bulla, mas he contra a sua definibilidade, que, como jà fica dito no Prologo, he accidente extrinseco da verdade; e se o Orador entendesse, que era contra a verdade do Mysterio, e que com elle se impugnava ser Maria Santissima pura, e immaculada no primeiro instante do seu ser, não havia de deixar de lhe responder, porque lhe destruia o assumpto do seu Sermão.* (3) Hebr. 11. v. 1.

Conceição immaculada de MARIA, porque com o ſangue das proprias veias não duvidarei eu defender a certeza irrefragavel deſte Myſterio, poſto que não he immediatamente fundada na authoridade da ſagrada Eſcritura, ou tradição, como diſcorrião bem aquelles dous ſabios nomeados. Por falta de eſcuridade ſim he que ſe me repreſenta incrivel o Myſterio da Conceição, (4) porque he jà hoje tão evidente, tão notorio, e tão manifeſto ao conhecimento dos ſabios, que MARIA Santiſſima foi pura, e immaculada no primeiro inſtante do ſeu ſer, e na ſua glorioſa Conceição, que por eſta evidencia ſer tanta, e tão grande, julgo ſe não póde comprehender dentro da esfera da noſſa fé.

(4) *Note-ſe, que o Orador não chama incrivel o Myſterio da Conceição, por ſer evidentemente falſo, como inferio o Critico, mas por ſer evidentemente verdadeiro; e uſou deſta expreſſão, porque fallava em hum congreſſo de ſabios, que não ignorão, que a fé he incompativel não ſó com a evidencia da falſidade, mas tambem com a evidencia da verdade aſſim na ſentença do Doutor Angelico, como do Doutor Subtil.*

fé. E quem à viſta deſtas conſiderações poderá ſuſpender o juizo ſobre a indefinibilidade deſte Myſterio, ſabendo que a materia das definições da Igreja são dogmas irrefragaveis, que os fieis devem crer com fé Divina, e que ſó o que os fieis podem crer, póde a Igreja definir? Aſſim he. Mas, oh como ſe me repreſentão magoadas as voſſas eſperanças com eſta contradição do meu juizo! Porèm que importa que vos martyrize as eſperanças, ſe vos hei de liſongear o goſto, expondo-vos a evidente certeza, que logra a verdade deſte Myſterio, a que por Portuguezes conſagramos rendidos os corações, e por Academicos proteſtamos defender, ſacrificando goſtoſamente as vidas em ſeu obſequio? Ora peço-vos a attenção.

Jà ſabeis que huma das figuras mais genuinas de MARIA neſte ſoberano Myſterio foi Eſther, aquella auguſtiſſima Rainha, que logrou por privilegio a izenção da morte, que a todos os Iſraelitas ameaçava o formidavel Decreto de Aſſuero:

Non morieris: non enim pro te, ſed pro omnibus hæc lex conſtituta eſt. (5) Diz pois o ſagrado Texto deſta auguſtiſſima Rainha, que lograva huma formoſura não ſó grande, mas incrivel: *Erat enim formoſa valdè, & incredibili pulchritudine.* (6) Incrivel? Pois não ſe podia crer? Não, porque havia de vir tempo, em que a pureza original de MARIA Santiſſima Senhora noſſa, de que era figura a formoſura de Eſther, ſe não pudeſſe comprehender dentro da esfera da noſſa fé; havia de vir idade, em que, deſterradas as ſombras das controverſias, e das dúvidas, appareceſſe a verdade deſte Myſterio tão luzida, tão clara, e evidente ao conhecimento dos ſabios, que foſſe para elles incrivel eſta verdade pela ſua evidencia: *Erat enim formoſa valdè, & incredibili pulchritudine.* E quando ſeria eſta venturoſa Epoca? Eu, ſenhores, conſidero, que he eſta, em que eſtamos, porque nella, desfeitas as dúvidas pelos diſ-

(5) Eſth. 15. v. 13. (6) Idem 2. v. 15.

diſcurſos, e ſolidas razões dos ſabios, applacadas as controverſias, e as contendas ſobre eſte ponto, ſe repreſenta com tanta evidencia ao noſſo conhecimento a verdade deſte Myſterio, que ſe faz incrivel, por ſer tanta, e tão grande eſta evidencia; e em lugar da fé, ſó poderá empregarſe neſte Myſterio o conhecimento da ſciencia, e do noſſo clariſſimo diſcurſo. He verdade que nós não poderiamos conhecer com evidencia eſte Myſterio, ſe primeiro não creſſemos com fé Divina, que MARIA Santiſſima foi Mãi de Deos; porèm, ſuppoſta a fé da Maternidade, conhecemos por claro, evidente, e irrefragavel diſcurſo, que MARIA não contrahio a culpa original na ſua glorioſa Conceição. Tão neceſſaria, e evidente connexão tem a graça da Maternidade com a pureza original, que huma vez conhecida aquella, fica eſta conhecida; huma vez conhecida aquella eſcuramente por beneficio da fé, fica eſta evidentemente conhecida por força da ſciencia, do diſcurſo, e da razão.

Naturalmente cahimos no Euangelho. Nem aqui, nem em outra parte diz o Euangelista huma só palavra da pureza original de MARIA Santissima Senhora nossa. E por que? He tão exacto em referir outras cousas de menor ponderação, e esta, em que tanto se interessa o credito desta Senhora, deixa-a sepultada no silencio? Sim, porque tinha referido a sua Maternidade: *De qua natus est Jesus*; e referida a Maternidade, era escusado referir a pureza original, porque daquella verdade claramente se está colligindo esta. Ser Mãi de Deos huma pura creatura he huma verdade tão superior à razão, que só se póde conhecer pela revelação Divina; ser porèm pura, e immaculada na sua Conceição huma creatura, a quem Deos tinha destinado para a alta dignidade de sua Mãi, he huma verdade tão conforme à razão, que para se conhecer não he necessario o Divino testemunho; por isso estabelecida a fé da Maternidade: *De qua natus est Jesus*, não se fal-

falla no Euangelho huma só palavra na pureza original, porque o ſeu conhecimento fica ſendo empenho neceſſario da ſciencia, e emprego de hum clariſſimo diſcurſo. Jà, Senhores, ouviſtes com admiração neſte lugar a hum ſabio Academico, que attendendo à grande evidencia, que hoje logra a verdade da Conceição immaculada de MARIA Santiſſima, vo-la propoz como Myſterio da hiſtoria; (7) eu porèm pelo meſmo fundamento vo-la-hei de propôr como Myſterio da ſciencia, e cuido que não com menor propriedade, porque a evidencia deſta verdade ſe deve inteiramente aos diſcurſos dos ſabios. Aquelle ſabio Academico conſiderou-vos com o emprego de Hiſtoriadores, e por iſſo para fazer voſſo eſte Myſterio, fello proprio da hiſtoria; eu porèm conſidero-vos com as condições de ſa-

(7) *Note-ſe, que o Doutor Franciſco Xavier Leitão, Academico do Numero deſta Real Academia, ſeguio nella ſemelhante aſſumpto, e em lugar de cenſura conciliou nos ouvintes ſummo applauſo.*

ſabios , e por iſſo tambem o faço voſſo ; fazendo-o Myſterio da ſciencia. (8) Vamos ao deſempenho.

A Mais famoſa hiſtoria , que ſe eſcreveo deſde a creação do mundo , foi a dos ſagrados Euangelhos : hiſtoria tão famoſa , que não haverá parte tão occulta no meſmo mundo , onde não chegaſſe o clarim da ſua fama : (9) hiſtoria , cujo Author principal foi Deos , que inſpirou nos ſagrados Euangeliſtas o formarem eſta admiravel obra , na qual ſe contém os fundamentaes artigos da noſſa Religião ; e os principaes dogmas da noſſa Fé , tão preciſos , e neceſſarios para a noſſa ſalvação , que ſem conhecimento delles he impoſſivel agradar a Deos , como diz o Apoſtolo S. Paulo : *Sine fide impoſſibile eſt pla-*

(8) *Note-ſe, que o Orador chama Myſterio de ſciencia à Conceição , não porque fique ſendo Myſterio para os ſabios ; depois de o conhecerem com evidencia , mas porque o era antes deſte evidente conhecimento.* (9) Rom. 10. v. 18.

placere Deo. (10) hiſtoria, em que os Euangeliſtas não fizerão mais, que eſcrever o que Deos lhes revelava, podendo cada hum de ſi dizer o meſmo, que dizia Baruch, quando eſcrevia as profecias de Jeremias: *Ex ore ſuo loquebatur, quaſi legens ad me ſermones iſtos, & ego ſcribebam in volumine atramento:* (11) hiſtoria finalmente, que Deos quiz foſſe dividida em quatro livros, aſſim como o mundo em quatro partes, como diz Santo Agoſtinho: *Quemadmodùm ſunt quatuor orbis partes, ita quatuor Deus voluit eſſe Euangelia, ex quibus totus orbis ſpiritualis conſtaret,* (12) para que deſcubriſſem os fieis em hum livro aquelle Myſterio, que em outro não achaſſem, do meſmo modo, que no mundo ſe deſcobrem em huma parte aquellas couſas, que em outra ſe não achão. Neſta hiſtoria pois tão admiravel ſe dignou Deos de nos revelar o Myſterio da Santiſſima Trindade,

o da

---

(11) Jerem. 36. v. 18. (12) Auguſt. in lib. de Concord. Euang. (10) Hebr. 11. v. 6.

o da Encarnação do Verbo, o como o Eterno Padre, para nos livrar do cativeiro do demonio, mandou ſeu Filho unigenito ao mundo fazer-ſe homem, e naſcer de huma Virgem. Aqui encontramos, que eſta Virgem ſe chamava MARIA; que era de Nazareth, da caſa Real de David, e deſcendente de Abrahão. Aqui finalmente achamos, que fora a mais ditoſa, e bemdita entre todas as mulheres, por ſer Mãi de Deos, e por iſſo a mais pura, e a mais Santa de todas as creaturas; em fim cheia de graça, como lhe chamou o Anjo na ſolemne embaixada, que da parte de Deos lhe deo: *Ave gratia plena.* (13) Porèm he muito para notar não ſe referir em nenhum dos quatro Euangelhos, que eſta enchente de graça, e ſantidade fora communicada a eſta Senhora no primeiro inſtante do ſeu ſer, e que por iſſo fora preſervada da culpa original, que contrahem na ſua origem todos os deſcendentes de Adão. Para ſer deſcuido, he

(13) Luc. I. v. 28.

he o Hiſtoriador tão ſabio, que não póde admittir eſte defeito. Não foi, Senhores, deſcuido, foi altiſſima Providencia: quiz Deos dar tambem à ſciencia hum Myſterio, jà que tinha dado tantos à noſſa Fé: quiz que os ſabios abriſſem os olhos da razão, e da ſciencia, para por força dos ſeus diſcurſos penetrarem, e conhecerem com evidencia o ſagrado Myſterio da Conceição, jà que a tantos, como fieis, fechão os meſmos olhos da razão, para lhes dar aſſenſo eſcuro, e inevidente, fundados preciſamente na authoridade do Divino teſtemunho. Não vos pareça paradoxa eſta minha propoſição, porque nos meſmos Euangelhos temos ſucceſſo, ſenão identico, ſemelhante.

Deſcrevem os ſagrados Euangeliſtas a reſurreição de Chriſto, e querendo-nos dar noticia das apparições, que o Senhor fez depois de reſuſcitado, dizem, que apparecêra à Magdalena, a Pedro, aos Apoſtolos, aos Diſcipulos, que caminhavão para o Caſtello de Emaús, e ultima-

 men-

mente a Thomé, que duvidava da ſua glorioſa Reſurreição; porèm nenhum delles refere, que apparecêra a MARIA Santiſſima ſua Mãi. Pois tanto cuidado em referir as outras apparições, e tão pouco em referir a principal de todas? Sim, Senhores, porque as mais apparições queria Deos que foſſem dogmas da noſſa Fé; porèm a apparição a MARIA Santiſſima ſua Mãi deixou-a para emprego da ſciencia, e do noſſo clariſſimo diſcurſo. Apparecer Chriſto glorioſo à Magdalena, a Pedro, e aos mais Diſcipulos he verdade; porèm he tão pouco conforme à razão, que para os fieis a crerem, neceſſitão do Divino teſtemunho; apparecer porèm à ſua querida Mãi, ſuppoſta a fé, de que apparecêra a outrem, he huma verdade tão conforme à razão, que para ſe conhecer com evidencia, não he neceſſario mais que o diſcurſo. Apparecer Chriſto glorioſo à Magdalena, que havia ſido peccadora, a Pedro, que o tinha negado havia mui poucos dias, aos Diſcipulos, que

que o tinhão desamparado na sua prizão, e morte, e finalmente a Thomé, que actualmente com a sua incredulidade o offendia, sim he verdade, porèm para se crer, he preciso que Deos o diga; apparecer porèm glorioso a huma Mãi, que adorando-o como Deos, o amava de tal sorte como Filho, que chegou o seu amor ao ponto, onde nunca póde chegar o de todas as creaturas, (como affirmão os Theologos) he huma verdade tal, que basta constar por testemunho Divino, que apparecêra a outrem, para se inferir por claro, evidente, e irrefragavel discurso, que tambem havia de apparecer a MARIA Santissima sua Mãi; em fim verdade, que deixou Deos de a revelar nos Euangelhos, porque quiz, que fosse emprego da sciencia, e do nosso clarissimo discurso.

Assim a apparição de Christo a MARIA Santissima a respeito das mais apparições, e do mesmo modo o Mysterio da Conceição a respeito dos mais Mysterios. Os mais Mysterios revelou-os Deos nos

Euangelhos, porque quiz, que fossem dogmas da nossa Fé; porèm o Mysterio da Conceição deixou de o revelar, porque quiz, que fosse emprego da nossa sciencia. Os mais Mysterios, como são não só superiores, mas tambem (ao que parece) contrarios, e repugnantes à razão, era precisa para se crerem a efficacia do Divino testemunho; o Mysterio porèm da Conceição, como não tem repugnancia com a razão, antes he com ella mui conforme, basta para se conhecer com clareza a sciencia, e o discurso, supposta a fé de outros Mysterios. Ora eu acabo de me explicar com o Mysterio da Encarnação do Verbo. Nascer o Creador de huma creatura, Deos de huma mulher, em fim cingir-se o immenso, e infinito à curta esfera do purissimo ventre de huma Virgem, sim he verdade, mas para se crer he preciso que Deos o diga nas Escrituras, não em huma, mas em muitas partes; e sem embargo disto, não ignorais vós, Senhores, as controversias, que houve-

verão no quinto ſeculo da Igreja ſobre eſte ponto, que obrigárão a convocar-ſe o ſagrado Concilio Efeſino para ſe definir, que Maria Santiſſima era verdadeira Mãi de Deos, contra o que dizião muitos Biſpos, que forão condenados neſte Concilio; ſer porèm Maria Santiſſima pura, e immaculada na ſua glorioſa Conceição, ſuppoſta a fé, que temos, de que foi Mãi de Deos, he huma verdade tão evidente, tão clara, e manifeſta, que ſe eſtá mettendo pelos olhos da razão, e do diſcurſo; em fim verdade, que ſó ſe deixará de conhecer com evidencia por quem não attender à connexão, que tem a Maternidade com a pureza, ou para melhor dizer, o ſer Mãi de Deos com o ſer pura, e immaculada deſde o primeiro inſtante, em que exiſtio. Ora ouvi o Doutor Angelico diſcorrendo ſobre outra connexão, que faz muito para eſta.

Pergunta S. Thomaz na terceira parte da ſua Summa Theologica, ſe Maria Santiſſima commetteo no eſpaço da ſua vi-

vida culpa mortal, ou ainda venial, e reſponde, que não, fundando a ſua reſpoſta com eſte clariſſimo diſcurſo. (14) Quando Deos elege a creatura para algum emprego, ou miniſterio da ordem ſobrenatural, de tal ſorte a prepara, e diſpõe com a ſua graça, que por força da eleição Divina, e da meſma graça fica ſendo digna, e idonea para eſſe emprego, ou miniſterio, o que ſe vê nos Apoſtolos, a quem elegeo para Miniſtros do novo Teſtamento, e por iſſo os fez dignos, e idoneos com a ſua graça, e pela efficacia da ſua Divina eleição deſſe meſmo miniſterio, como affirma o Apoſtolo S. Paulo: *Idoneos nos fecit Miniſtros novi Teſtamenti.* (15) A MARIA Santiſſima elegeo Deos para o mais alto, e ſublime miniſterio, que podia ter creatura alguma, que foi o de ſer Mãi ſua: logo havia de diſpolla, e preparalla com a ſua graça, e graça tal, que a fizeſſe digna deſſe miniſterio,

(14) D. Thom. 3. part. quæſt. 27. art. 4. (15) 2. ad Corinth. 3. v. 6.

rio, e emprego. Aſſim o fez, e por iſſo o Anjo S. Gabriel a intitulou cheia de graça: *Ave gratia plena.* (16) Não ſeria MARIA Santiſſima digna Mãi de Deos, (continúa o Santo Doutor) ſe tiveſſe peccado alguma vez em todo o eſpaço da ſua vida, ainda que foſſe venialmente, não ſó pela ignominia do peccado, mas porque eſta ignominia redundaria em ſeu Filho, do meſmo modo que redunda nos filhos a honra, e grandeza de ſeus pais, como affirma Salamão: *Gloria filiorum patres eorum:* logo deve-ſe affirmar, (conclue ultimamente o Santo Doutor) que MARIA Santiſſima não commetteo em todo o eſpaço da ſua vida não ſó culpa mortal, mas nem ainda venial.

Oh que admiravel diſcurſo! Diſcurſo do Doutor Angelico, a cuja doutrina irrefragavel unio Deos o dote da clareza: *Celſa, clara, firmaque ſententia:* (17) diſcurſo em fim, em que ſe percebe com evidencia a connexão, que tem o ſer Mãi de

(16) Luc. 1. verſ. 28. (17) Eccleſ. in Officio D. Thom.

de Deos com o ſer pura com pureza actual, e habitual. Mas ſe he licito a hum diſcipulo adiantar a doutrina do ſeu Meſtre com as luzes, que recebeo do meſmo Meſtre, eu que logro, poſto que indignamente, a honra de ſer voſſo diſcipulo, por que não adiantarei a voſſa doutrina com as luzes, que de vós tenho recebido? (18) Affirmais, meu Santo Meſtre, que MARIA Santiſſima não ſeria digna Mãi de Deos, ſe tiveſſe commettido alguma culpa, ainda que foſſe venial, porque a ignominia do peccado a faria indigna deſta honra, e redundaria em ſeu Filho; e não haveria eſta, ou, para melhor dizer, maior indignidade, ſe eſta Senhora tiveſſe contrahido o peccado original? Vós meſmo me enſinaſtes, que o peccado original era raiz de todos os males, e por iſſo o maior de todos: que por elle ſe conſtituem filhos da ira, e do odio de Deos todos os deſcen-

(18) *Note-ſe ſe acha neſtas expreſsões couſa injurioſa ao Doutor Angelico, como falſamente ſe lhe imputou.*

cendentes de Adão, privados do direito, que terião, à gloria, se se conservasse nelles a justiça original. Pelo contrario, que o peccado venial he hum mal leve, que não faz mais que extinguir o fervor da caridade, com a qual se compadece, e tambem com a mesma graça: logo (infiro eu) se Deos, supposto ter eleito desde a eternidade a MARIA Santissima para sua Mãi, estava obrigado a dispolla, e preparalla com huma graça, que a preservasse de toda a culpa, assim actual, como habitual, para evitar a indignidade na Mãi, como a ignominia no Filho, (19) com muito maior razão a havia de dispôr, e preparar com huma graça, que a preservasse do peccado original, para evitar muito maior indignidade, e ignominia assim na Mãi, como no Filho.

Assim he, diria o Doutor Angelico, se existisse nestes tempos, em que dispoz Deos se attendesse com mais reflexão à

 ver-

(19) *Note-se, que aqui falla o Orador do debito de decencia, e na intelligencia do Doutor Angelico.*

verdade deste Mysterio, porque se havia de convencer com a efficacia, e evidencia deste discurso, que se não deve chamar meu, porque a sua doutrina me deo luz para o formar; (20) e o mesmo direis vós, Senhores, porque ainda que fecheis os olhos da razão, e do discurso para crer como fieis na Maternidade de MARIA, fundados precisamente na authoridade do Divino testemunho, os abrís para penetrar, e conhecer como sabios a evidente connexão, que ha na mesma Maternidade com a pureza original. Mas porque não ficareis satisfeitos, se não authorizar o pensamento com as sagradas Escrituras, abramos os livros de hum, e outro Testamento.

(20) *Note-se, que, ainda que o Doutor Angelico em alguma parte das suas obras parece se inclina à sentença pia, o contrario segue em muitas partes da sua Summa Theologica, a que os Thomistas costumamos chamar o seu testamento, e a sua ultima vontade, conformando-se com a sentença dos antigos Padres, e o Orador sabia isto muito bem; e para prova insinúa ao Critico, que lea os Padres Salmantic. no tom. 4. da Theolog. Specul. trat. 13. disp. 15. dub. 5. §. 5.* Quid tenendum de mente Angelici Doctoris?

to. Diz o Profeta Isaías, que víra no Ceo hum throno, a que assistião dous Serafins, que com as proprias azas cubrião os olhos para o não verem: *Duabus velabant unusquisque faciem suam.* (21) Diz o Euangelista S. João no seu Apocalypse, que víra no Ceo o mesmo throno, a que assistião huns Viventes, que tinhão abertos os olhos interiores do juizo, e tão abertos, que para encarecimento da perspicacia, com que vião, affirma, que estavão interiormente cheios de olhos: *Intùs plena sunt oculis.* (22) E qual seria o motivo destes tão diversos movimentos? O motivo era considerarem os Serafins, e os Viventes aquelle throno com diversos respeitos a distinctas cousas. Os Serafins consideravão o throno como lugar da Divindade, e que dizia respeito ao Senhor, que nelle estava. Assim se collige do que diz o Profeta, descrevendo o mesmo throno: *Vidi Dominum sedentem super solium*

(21) Isai. in text. Hebraico. (22) Apocalyps. 4. vers. 8.

excelſum, & elevatum. (23) Pois ahi eſtá a razão, por que os Serafins tapão os olhos, porque o reſpeito à Divindade não lhes permitte dirigir a viſta a hum lugar, em que eſtá o meſmo Deos. Os Viventes conſideravão o throno pela connexão, que tinha com hum mar de aguas puras, e immaculadas, que erão ſemelhantes ao cryſtal, o qual eſtava à viſta do meſmo throno. Aſſim o dá a entender o Euangeliſta, quando o deſcreve: *Ecce ſedes poſita erat in Cœlo, & in conſpectu ſedis mare vitreum ſimile cryſtallo.* (24) Pois ahi eſtá tambem a razão, por que os Viventes abrem os olhos interiores do juizo para os empregarem na pureza daquellas cryſtallinas aguas.

Throno de Deos he, Senhores, MARIA Santiſſima Senhora noſſa, eſte titulo lhe dão os Santos Padres. Se conſiderares eſte Throno, ou MARIA pelo reſpeito, que diz a Deos, como Mãi ſua muito amada, ainda que ſejais Serafins abrazados

(23) Iſai. cap. 6. v. 1. (24) Apocalypſ. 4. v. 2. & v. 6.

dos em amor de Deos, haveis de fechar os olhos da razão, e do difcurfo, refpeitando efta grande dignidade, e fó lhe podereis dar affenfo efcuro, e inevidente, fundados precifamente no Divino teftemunho. Se confiderares porèm efte Throno, ou a Mãi de Deos pelo refpeito, que diz ao mar de aguas puras, e cryftallinas, fymbolo o mais proprio da fua original pureza, então haveis de abrir os olhos interiores do juizo, e da fciencia, como fazião os Viventes do Apocalypfe para conhecer, e penetrar como fabios a evidente connexão, que tem o throno com as aguas, ou para melhor dizer, a Maternidade de Maria com a fua pureza original. Eftá authorizado o penfamento com as Efcrituras, porèm ainda não eftá inteiramente expofta a energia defte lugar do Apocalypfe. Diz mais o Euangelifta, que na prefença do Throno eftavão vinte e quatro Monarcas empenhados em lhe tributar os mais obfequiofos cultos, de forte, que fe não fatisfazião com menos que

com

com lançar as ſuas coroas aos pés do meſmo throno, fazendo dellas reverentes ſacrificios: *Mittebant coronas ſuas ante thronum.* (25) E quem à viſta deſtas regias demonſtrações tão finas, e obſequioſas não dirá, que eſte throno era figura de MARIA no ſeu ſagrado Myſterio da Conceição, pois ſó a elle conſagrão os Monarcas, e Principes da Europa as ſuas coroas, como a todos vós, Senhores, he conſtante? Aſſim he; e quando os Monarcas ſubmettem as coroas ao Myſterio da Conceição, natural he que os ſabios abrão os olhos do diſcurſo, e da ſciencia para o conhecerem com evidencia; porque o eſtimulo mais forte para os ſabios pôrem as ſuas mais vigoroſas diligencias na indagação de alguma verdade, he ver que os Monarcas são empenhados nella.

E que mal pagais, Principes, e Monarcas da Europa, eſtas diligencias dos ſabios com as diligencias, que fazeis para ſe

(25) Apoc. 4. verſ. 10.

ſe definir eſte Myſterio! (26) Os ſabios com as ſuas diligencias indagando a verdade da Conceição immaculada de MARIA a deſcubrírão de ſorte, que a fizerão eviden-

(26) *Note-ſe, que a eſte apoſtrofe chamou o Critico impio, eſcandaloſo, e digno de fazer celebre o nome do Orador nas gazetas de Hollanda. A razão, ou ſem razão deſtas cenſuras julgue-as o ſabio Leitor; como tambem julgue, ſe neſte apoſtrofe, ou em alguma parte do meu Sermão digo, que Maria Santiſſima não foſſe concebida em graça, e ſem macula do peccado original. Julgue finalmente, ſe impugno o culto, que a Igreja manda dar a eſta verdade, e Myſterio; e ſe não achar que faço iſto, bem póde ficar certo de que não pecco contra a Bulla de Alexandre VII. Só ſe o Critico nos quer perſuadir, que as diligencias dos Monarcas tambem pertencem ao culto, que a Igreja manda dar a eſte Myſterio da Senhora; porèm a iſto diz o Orador, que lhe moſtrem iſto em alguma Bulla. Finalmente inſinúa o Orador ao Critico, que veja a Hiſtoria Eccleſiaſtica de Natal Alexandre tom.8. da 1. edição de Luca folh. 150. no Scholion 3. e a reſpoſta, que dá eſte famoſo Propugnador da Conceição à cenſura, que lhe fizerão com eſta Bulla, he a meſma, que dá o Orador, ou mui pouco differente, por terem as cenſuras a meſma ſemelhança, e fundamento. Finalmente adverte o Orador ao Critico, que, viſto eſtar tão eſcrupuloſo com eſta Bulla, que a lea para o fim, e verá que tambem ſe prohibe nella cenſurar de hereges, e affirmar, que peccão mortalmente os que ſeguem a opinião menos pia. Faz-lhe eſta advertencia, não porque a ſiga, ou ſeguiſſe em algum tempo o Orador, mas porque deſeja ver ao Critico mais comedido nas cenſuras.*

dente ; vós, Senhores, com as voſſas diligencias pertendendo a ſua definição ; quereis que os Catholicos lhe dem aſſenſo de fé , que he eſſencialmente eſcuro ; e inevidente. Os ſabios por força dos ſeus diſcurſos alcançárão a evidente connexão, que tem a Maternidade da Senhora com a ſua original pureza, fazendo-a pública, e notoria a todo o mundo ; vós, Senhores , por força das voſſas ſúpplicas quereis que a Igreja proponha a todo o mundo como dogma de fé eſte Myſterio, para que os fieis o creão , fundados não na evidencia deſta connexão , mas na inevidencia do Divino teſtemunho. Em fim, para dizer tudo de huma vez , os ſabios por força das ſuas intellectuaes fadigas, fazendo de ſciencia eſte Myſterio, o fizerão proprio, e de juſtiça ſeu; vós porèm, Senhores , por força das voſſas repetidas inſtancias ao Vaticano pertendeis que ſe lhes tire eſta propriedade , e tambem a poſſe , em que eſtão , para que fiquem com ella ſem juſtiça tão notoria os fieis.

Eu

Eu bem ſei que eſte Myſterio definido logrará maior certeza, e que eſte exceſſo, e ventagem he, Senhores, o que vos move a inſtar pela ſua definição; porèm a iſto dizem os ſabios, que pouco lucra neſte exceſſo, e que perde muito perdendo a evidencia. Lucra pouco neſte exceſſo; porque jà tem a certeza, que he baſtante, para que os ſabios o jurem, e proteſtem defender, ſacrificando as vidas em ſeu obſequio. Perde muito perdendo a evidencia; porque a eſpecial formoſura deſte Myſterio, e em que vence aos mais Myſterios, eſtá em ſe conhecer com evidencia. Peço-vos, Senhores, que attendais ao que profere Salamão no livro da Sabedoria: *Oh quàm pulchra eſt caſta generatio cum claritate!* (27) Oh como he formoſa huma geração pura, que he juntamente clara! Geração pura dentro da esfera do creado, eu não ſei que haja outra ſenão a de Chriſto, ou a de MARIA; porque ſó eſtas forão ſem macula, e ſem

(27) Sap. 4. verſ. 1.

ſombras de peccado : a de Chriſto por natureza, a de MARIA por privilegio ſó a ella concedido. E qual deſtas ſeria a que arrebatou a Salamão com a ſua formoſura? Superflua he a pergunta à viſta do que o meſmo Salamão profere: *Oh quàm pulchra, &c.* ſó a pureza daquella geração arrebata eſte ſabio Monarca da Paleſtina, que tem o ſeu caracter diſtinctivo na evidencia. Muito bem ſabeis; Senhores, que a pureza da geração de Chriſto he dogma da noſſa Fé, definido contra Ario, Neſtorio, Helvidio, e outros heresiarcas, e que por boa conſequencia ha de ſer eſcura, e inevidente. Pelo contrario, que a pureza da geração de MARIA, em quanto não eſtá definida, he objecto da ſciencia, e da contemplação dos ſabios, e por iſſo clara, e evidente: pois eſta he a que pela ſua evidencia arrebata a Salamão, e com razão; porque a eſpecial formoſura deſte Myſterio, e em que vence a todos os mais Myſterios, eſtá em ſe conhecer com evidencia: *Oh quàm pulchra, &c.*

&c. Ponderai agora, Senhores, ſe perde muito eſte Myſterio perdendo a evidencia. Eu ſó poderei dizer, que ella he a que arrebata as admirações de hum Monarca tão ſabio como Salamão: ella he a que agrada à Igreja noſſa Mãi, e por iſſo não tem definido eſte Myſterio, e tambem porque pondera os grandes inconvenientes, que ha neſta definição. Hum dos maiores argumentos, que os hereges formão contra a authoridade da Igreja, he, que define muitas couſas, que ſe não achão nas Eſcrituras. Para os Theologos lhes reſponderem, he preciſo recorrerem à tradição. E que dirião os hereges, ſe viſſem definido eſte Myſterio, ſabendo que muitos, e graviſſimos Theologos confeſsão, que não conſta das Eſcrituras, e menos da tradição? Eſte inconveniente he tão grave, e a Igreja de tal ſorte o pondera, que ſó por elle deixará de definir eſte Myſterio. Deixai pois vós, Senhores, tambem eſſas voſſas diligencias, de que ſe não póde eſperar feliz ſucceſſo, e con-

formai-vos com as diſpoſições da Igreja, que não póde errar em couſa alguma; porque lhe aſſiſte o Eſpirito Santo com o ſeu influxo: imitai ſim aos Monarcas Portuguezes, noſſos clementiſſimos Senhores, que aos ſeus vaſſallos mandão receber como fieis todos os myſterios, e dogmas da noſſa Fé, ſem lhes permittir aquella licencioſa liberdade de conſciencias, que em alguns de voſſos Eſtados talvez ſe permitte, com graviſſimo eſcrupulo de voſſas delicadas conſciencias; as Univerſidades porèm, e as Academias ordenão que jurem todos os ſeus Alumnos defender o Myſterio da Conceição. Iſto ſim, iſto he fazer juſtiça a todos, e dar a cada hum o que he ſeu; aos vaſſallos, que são ſó fieis, os myſterios da Fé; aos vaſſallos, que são ſabios, o myſterio da ſciencia.

Aqui recolheria eu as vélas ao diſcurſo, ſe contra o aſſumpto, que tomei, ſe não offereceſſe huma dúvida, que inteiramente o deſtroe, ao que parece. Todos os Santos Padres da Igreja primitiva, que

que crerão firmemente ſer MARIA Mãi de Deos, negárão tacita, ou expreſſamente a ſua pureza original; (28) e eſte foi o motivo, por que os Doutores Angelico, e Serafico, ſeguindo como ſabios a ſciencia dos antigos, negárão tambem a MARIA Santiſſima eſta ſingular prerogativa, ou ao menos duvidárão della, inclinando-ſe à ſentença dos antigos Padres. (29) Eſta tambem a cauſa, por que o Subtiliſſimo Eſcoto, feliz anteſignano da piedoſa ſentença, que ſeguimos, e defenderemos com o ſangue das proprias veias, proferio com humildes, e reverentes clauſulas, que ſó Deos conhecia a verdade deſte facto; porèm que, ſe não repugnaſſe à authoridade da Eſcritura, ou à da Igreja, lhe parecia provavel, o que era mais excellente à Senhora; e deſta ſorte, ſalvando a authoridade dos Santos Padres, que he a meſma da Igreja, manifeſtou o ſeu pro-

(28) Sancti PP. jam ſunt citati in Epiſtola dedicante opus num. 2. & num. 6. & num. 24. (29) D. Bonav. 3. ſent. diſt. 3. q. 1. art. 2. D. Thomas 3. part. q. 27. art. 2.

proprio parecer: (30) logo de ser MARIA Mãi de Deos, não se segue por claro, evidente, e irrefragavel discurso a sua pureza original; porque não era possivel que tantos Padres da Igreja, a quem Deos communicou a maior sabedoria, deixassem de conhecer, se a houvesse, esta evidente connexão. Este argumento he tão grande, que eu reconhecendo a sua difficuldade, e que me não era licito nesta hora disfarçalla; tive pensamentos de tomar outro assumpto. Em fim, não sei por que impulso persisti na resolução primeira; e en-

(30) Scotus in 3. sent. lib. 1. dist. 3. quæst. 1. sic ait: *Ad quæsitum dico, quòd Deus potuit facere, quòd ipsa nunquam fuisset in peccato originali: potuit etiam fecisse, ut tantùm in uno instanti esset in peccato: potuit etiam facere, ut per tempus aliquod esset in peccato, & in ultimo instanti illius temporis purgaretur.... Quod autem horum trium, quæ ostensa sunt esse possibilia, factum sit, Deus novit; si auctoritati Ecclesiæ, vel auctoritati Scripturæ non repugnet, videtur probabile, quod excellentius est, tribuere Mariæ.* Idem Scotus Distinction. 18. num. 13. sic exprimit suam sententiam: *Beata Virgo Mater Dei nunquam fuit inimica actualiter ratione peccati actualis, nec ratione originalis: fuisset tamen, nisi fuisset præservata....*

entrei a pensar no que havia de responder.

Como este argumento he fundado na authoridade dos Santos Padres, justo he que se lhe dê resposta, fundada tambem em authoridade de Santo Padre. Diz pois S. Gregorio Magno, que ao passo, que hião procedendo os tempos, hia crescendo juntamente a sabedoria dos antigos Padres, conhecendo sempre mais os segundos que os primeiros, de sorte que Moysés soube mais que Abrahão, os Profetas mais que Moysés, e os Apostolos mais que os Profetas: *Per incrementa temporum crevit scientia spiritualium Patrum; plus nanquè Moyses, quàm Abraham, plus Prophetæ, quàm Moyses, plus Apostoli, quàm Prophetæ in Omnipotentis scientia eruditi sunt.* (31) Isto mesmo, Senhores, que succedeo na synagoga, succede hoje na Igreja; porque passados os tempos, em que a eterna Sabedoria viveo humanada neste mundo em companhia dos Apos-

(31) Gregor. lib. 2. in Ezechiel. Homil. 16.

Apoſtolos, (que foi hum parentheſis exceſſivo de luz, com o qual nada ſe póde comparar) nos ſeculos, que depois forão ſuccedendo, ſempre as ſciencias ſagradas forão creſcendo cada vez mais com novas, e maiores luzes, que hião recebendo os Padres, e os ſabios da Igreja, diſpondo-o aſſim Deos, que quiz foſſe a ſua Igreja como a Aurora, que com o tempo vai creſcendo em novos, e maiores reſplandores; e eſſa he a razão, por que com ella a compara no 6. cap. dos Cantares, como regularmente affirmão os ſagrados Expoſitores: *Quæ eſt iſta, quæ progreditur, quaſi Aurora conſurgens?* (32) de que ſe ſegue, que muitas couſas ſabemos agora, que duvidárão, ou ignorárão os antigos Padres. Aſſim o diz claramente o doutiſſimo Affonſo de Caſtro no ſeu livro *Adversùs hæreſes*; e provando-o com o referido lugar dos Cantares, conclue aſſim: *Quo fit, ut multa nunc ſciamus, quæ à primis Patribus aut dubitata, aut prorsùs*

(32) Cant. Cant. cap. 6. verſ. 9.

sùs ignorata fuerunt. (33) E quem poderá pôr nisto a menor dúvida, se souber que muitos Padres antigos negárão os livros *Deutero-Canonicos* da sagrada Escritura, os Antipodas, os habitadores da Zona torrida, e outras muitas verdades, de que temos não só certeza infallivel, mas em muitas dellas evidencia; e se se procurar a causa primaria de se occultarem estas cousas aos Padres, não se descubrirá outra mais que a vontade de Deos, que quiz fosse a sua Igreja como a Aurora, que com o tempo vai crescendo em novas, e maiores luzes, em novos, e maiores resplandores: *Quæ est ista, &c.* Assim he, nem esta verdade necessita de maior confirmação, só he preciso applicalla ao nosso caso.

Isto mesmo succedeo tambem, Senhores, com a verdade da Conceição immaculada de MARIA. Duvidárão della os antigos Padres, e muitos delles a negárão expressamente, porque não attendê-

(33) Castro lib. 1. Adversùs hæreses cap. 2.

rão à evidente connexão, que tem a graça de Mãi de Deos com a pureza original. E se me perguntais a causa disto, promptissimamente vos respondo, que foi o estar a Igreja como a Aurora nos seus principios, por disposição de Deos, que quiz fosse com o tempo crescendo nas luzes, e nos resplandores, para que à vista delles se descubrissem no mundo novas verdades. Tem os Santos Padres antigos por si a razão, ou a desculpa de existirem naquelles seculos, nos quaes, por não terem tantas luzes, como agora temos, forão para elles incognitas, e escuras muitas cousas, que para nós são evidentes. Não he isto expressão minha, he do doutissimo Canisio: (34) *Demùm habuerint Patres suorum temporum rationem, quibus multa vel prorsùs incognita erant, vel obscura, neque satis evoluta, quæ posteris diligentiùs excutienda, vel clariùs illustran-*

(34) Petrus Canisius lib. 1. de B. Virg. cap. 7. in Disput. contra eos, qui impugnant Conceptionem immaculatam Virginis.

tranda, explicandaque non ſine certo Dei conſilio relinquebantur; nós porèm, que exiſtimos em tempos, que a Igreja eſtá cercada de tantas luzes, cheia de tantos reſplandores, vemos, e conhecemos eſta evidente connexão. Cremos como fieis que MARIA Santiſſima foi Mãi de Deos, porque eſta verdade ſe acha revelada nas Eſcrituras; porèm, ſuppoſta a fé deſta verdade, inferimos por claro, evidente, e irrefragavel diſcurſo, que MARIA Santiſſima não contrahio a culpa original; porque he para os ſabios evidente, que Deos, elegendo-a para Mãi, a havia de preparar com huma graça, que a preſervaſſe deſta macula. Dizemos em fim, que MARIA Santiſſima foi pura, e immaculada no primeiro inſtante do ſeu ſer, porque della naſceo JESUS: *De qua natus eſt Jeſus.*

Eſtá ſatisfeita a dúvida, e concluido o diſcurſo: reſta ſó que proſtrados aos pés do throno daquella Auguſtiſſima Senhora imploremos o ſeu alto patrocinio. Vós, MARIA Soberana, que deſde a eter-

nidade foſtes por Deos eleita para Mãi de ſeu Filho unigenito, aquelle Senhor, que foi gerado nos reſplandores da ſantidade, aquelle, por quem ſuſpiravão os Patriarcas, e os Profetas para remedio da culpa original, aquelle, que vos preſervou della no primeiro inſtante do voſſo ſer; vós, que em tempo lograſtes a ſingular graça da Maternidade, para a qual vos diſpoz Deos com a pureza original para vos fazer digna deſta graça, e para evitar a ignominia, que teria, ſe naſceſſe de huma Mãi, que foſſe em algum inſtante peccadora; vós, que logo no primeiro inſtante do voſſo ſer alcançaſtes de Deos huma enchente de ſantidade, para com ella ſe preparar o Templo ſoberano, em que por eſpaço de nove mezes havia de eſtar encerrado o meſmo Deos, protegei eſta Regia Academia, que formou o Monarca Salamão de Portugal debaixo da protecção deſte voſſo ſingulariſſimo Myſterio, não com outro fim mais que o de reſtituir, e reparar a verdade, que ſe achava adulte-

terada na Hiſtoria. Illuſtrai os entendimentos deſtes ſabios Academicos para alcançarem eſte fim, e para que acertem nos ſeus eſcritos com o ponto indiviſivel da meſma verdade, do meſmo modo que o acertárão, quando jurárão defender o Myſterio da voſſa Conceição immaculada. Lembrai-vos tambem do noſſo Auguſtiſſimo, e Soberano Protector, pois he juſto que moſtrando-ſe elle tão empenhado nas voſſas glorias, vós vos deſempenheis agradecida, alcançando-lhe de voſſo Filho todas aquellas proſperidades, que fazem ditoſo hum Monarca, e feliz o ſeu imperio. Pedi a Deos lhe conceda huma vida dilatada, para que ſe dilate tambem em ſeus vaſſallos o goſto de viverem debaixo de hum reinado tão juſto, tão ſuave, e venturoſo, e tambem para que orne cada vez mais o ſeu eſpirito daquelles merecimentos, com que ha muito tempo deo principio à fabrica do diadema, com que o eſperamos ver coroado no Empyreo.

Diſſe.

FINIS.